

DUBIA. ANTÍGONO. ἸΣΤΟΡΙΩΝ ΠΑΡΑΔΟΞΩΝ ΣΥΝΑΓΩΓΗ, COLAÇÃO DE ASSOMBROS

(REFLEXÕES, ANOTAÇÃO, TRADUÇÃO, BIBLIOGRAFIA)

DUBIA. ANTIGONUS. ἸΣΤΟΡΙΩΝ ΠΑΡΑΔΟΞΩΝ ΣΥΝΑΓΩΓΗ, COMPILATION OF MARVELS

(REFLECTIONS, NOTES, TRANSLATION, BIBLIOGRAPHY)

Reina Marisol Troca Pereira*

University of Coimbra

rmtp@gmail.com

Sinopse: *Dubia* denomina o presente apontamento respeitante a um conjunto de 173 *anecdota* paradoxográficos em grego antigo, de autoria e titulação incertas. A aparente simplicidade opuscular sem inovação, de matéria leviana de gosto popular, marcada pela exposição de temáticas grotescas e assombrosas encobre manifestos valores de técnica conceptual, como reescrita, reinvenção, manipulação de fontes e continuidade de um género literário. A academia hodierna reconhece as pequenas narrações informativas divulgadas num manuscrito único como lavra de Ps. Antígono, do terceiro século precedente à corrente Era Cristã. Evidenciando erudição helenística, os diversos apontamentos empíricos manifestam, entre o incrível e o verosímil, agrupamentos temáticos distribuídos por múltiplas áreas culturais, proporcionando conhecimentos de etnografia, antropologia, botânica, geografia, hidrologia, zoologia, saberes tradicionais. Na generalidade, o conjunto propõe ao leitor um exercício filosófico de gnose racional sobre o inexplicável.

Palavras-Chave: paradoxografia; história; estórias; erudição helenística.

Abstract: *Dubia* refers to this commentary on a collection of 173 paradoxographical *anecdota* in Ancient Greek, of uncertain authorship and title. The apparent simplicity of the work, lacking innovation and composed of light, popular material focused on grotesque and astonishing themes, conceals clear values of conceptual technique, such as rewriting, reinvention, source manipulation, and the continuity of the literary genre. Contemporary scholarship attributes these brief, informative narratives, preserved in a single manuscript, to Pseudo-Antigonus, dating from the third century BCE. Exhibiting Hellenistic erudition, these diverse empirical notes explore the spectrum between the incredible and the plausible, arranged into thematic groups across various cultural domains, providing insights into ethnography, anthropology, botany, geography, hydrology, zoology, and traditional knowledge. Overall, the collection invites the reader to a philosophical exercise in rational inquiry into the inexplicable.

Keywords: paradoxography; history; stories; Hellenistic erudition.

Cómo citar este artículo/Citation: Pereira, Reina Marisol Troca 2024: «Dubia. Antígono. Ἰστοριῶν Παραδόξων Συναγωγή, Colaço de Assombros (Reflexões, Anotação, Tradução, Bibliografia)», *Grecorromana* VI, pp. 53-84.

Recibido: 30/08/2024

Aceptado: 20/11/2024

* Collaborating Member of the Center for Classical and Humanistic Studies at the, University of Coimbra, Portugal. Retired Assistant Professor from the University of Beira Interior, with Aggregation.

1. *Exórdio*

Ἰδέλιδι καὶ τῷ Μανουήλῳ μέχρι παντός·

Exemplar literário de estética de imitação sensacionalista, ainda que tal qualificação configure uma constatação reducionista, denota a tonalidade da coletânea paradoxográfica¹ que ora se considera. De vários prismas, um dúbio panorama: autoria, título e redação incertos.

Ἱστοριῶν Παραδόξων Συναγωγή, *Colação de Assombros* é o lema titular² que encabeça o f. 243v do único manuscrito que expõe a obra – *Palatinus Heidelbergensis gr.* 398 ff. 243v-261v, do terceiro quartel do século IX³, qual antologia de diversas composições paradoxográficas, com a indicação genitiva de pertença a Antígono (Ἀντιγόνου), deveras controversa, em virtude da existência de várias individualidades eruditas e letradas denominadas Antígono, no período helenístico⁴. O academicamente

¹ Considere-se παράδοξος ('incrível', 'inesperado, contra a δόξα maioritária') - παραδοξολογία (vd. Aeschin. 72.14; Plb. 3.47), παραδοξολογέω (vd. Str.13.4.5; D.S.1.69), no oposto a ἐνδοξος ('esperado'. Cf. Pl. R. 472a). Género literário por vezes secundarizado, que recebe reconsideração e reavaliação por estudiosos como Giannini 1963, pp. 247-266; Jacob 1983, pp. 121-140; Schepens y Delcroix 1996, p. 380; Pajón Leyra 2011. Mediante o bizantino Tzetzes (H. 2.151), o testemunho mais vetusto com o termo 'paradoxografia' aplica-se face a Antémio de Trales. Na Antiguidade, a paradoxografia conta com diversos autores, muitos dos quais votados ao anonimato ou velados na pseudoepigrafia. São vários os momentos possíveis de demarcar, desde a tradição conservada nas obras ditas homéricas e em Hesíodo, afinal considerados no limiar da moral divina (cf. Xenoph. fr.11 Diels); a colonização grega desenvolvida no Mediterrâneo, c. VIII a.C. e a historiografia iónica. Assim, na origem, séc. IV a.C., Éforo de Cime, Ἐπιππος; Paléfato de Paros ou Pirene, Περὶ ἀπίστων; Teopompo de Quios, Θαυμάσια. No séc. IV/III a.C., Estratão de Lâmpsaco, Περὶ τῶν ἀπορουμένων ζῶων; Teofrasto, Περὶ τῶν ἀθρόως φαινόμενων ζῶων, Περὶ τῶν μυθολογουμένων ζῶων. No séc. III a. C., e.g. Arquelau, Ἰδιοφυή; Περὶ τῶν θαυμασίων; Bolo de Mendes, Χειρόμηκτα; Calímaco de Cirene, Παραδόξων ἐκλογή/Θαυμάσια; Fílon de Heracleia, Περὶ θαυμασίων; Filostéfano Cireneu, Περὶ παραδόξων ποταμῶν; Mirsilo, Λεσβιακά; Μόνιμο, Θαυμασίων συναγωγή. Cf. paradoxografia Alexandrina, no Período Helenístico. Depois, séc. III/II a. C., e.g. Apolónio de Rodas; Aristandro, Παράδοξα γεωργίας, Ἱστορίαι θαυμάσιαι; Lisímaco, Θηβαικὰ παράδοξα; Ninfodoro; Pólemon, Περὶ ποταμῶν, Περὶ τῶν ἐν Σικελίᾳ θαυμαζομένων ποταμῶν. Também os séculos II/I a.C., com Agatárquides, Τῶν κατὰ τὴν Ἀσίαν, Τῶν κατὰ τὴν Εὐρώπην, Περὶ τῆς Ἐρυθρᾶς θαλάσσης, Ἐπιτομή τῶν συγγεγραφότων θαυμασίων, Περὶ ἀνέμων [ἀνθρώπων]; Heraclides Lembo, Ἱστοριῶν παραδόξων συναγωγή; Isígono, Ἄπιστα; Nicolau Damasceno, Παραδόξων ἐθῶν συναγωγή, Ἱστορία καθολική, Ἐθῶν συναγωγή; Diófanos. E ainda, no curso do Período Imperial Romano, 27 a.C. – 565 d.C., com Agatóstenes; Africano, Κεστοί; Alexandre, Θαυμασίων συναγωγή; Arístocles; Flégon de Trales, Ἐκφρασις Σικελίας, Περὶ τῶν ἐν Ῥώμῃ τόπων, Περὶ τῶν παρὰ Ῥωμαίοις ἐορτῶν, Περὶ θαυμασίων, Ἐπιτομή ὀλυμπιονικῶν, Περὶ μακροβίων; Damáscio; Hierão; [Plutarco], Περὶ ποταμῶν καὶ ὁρῶν ἐπωνυμίας καὶ τῶν ἐν αὐτοῖς εὕρισκομένων; Eliano, Περὶ ζῶων ιδιότητος; Luciano, Ἀληθῆ διηγήματα; Protágoras, Γεωγραφία τῆς οἰκουμένης; Sotion; Trófilo. O género recolhe, outrossim, aceitação e desenvolvimento no panorama latino, onde se constata *mirabilia* não raro associados a metamorfoses e coleções de aítia, reportados por vultos literários a exemplo de Lucrécio; Vitruvius (cf. 8.3.4, 12, 14, 17); Ovídio (cf. *Met.* esp. 15); Séneca; Plínio (cf. *HN* 2.230). Cf. Priestley 2014, pp. 51–108; Lightfoot 2021.

² Wilamowitz-Moellendorff 1965: 25 propõe como título alternativo Ξένων ἱστοριῶν ἐκλογαί.

³ Cf. outrossim, Ms. *Vat. gr.* 0012 ff. 212-215v.

⁴ Designadamente, Antígono de Caristo, cidade a sul da ilha de Eubeia, no mar Egeu (c. séc. III a.C., escultor, biógrafo e compilador, presente em Atenas e Pérgamo, onde permanece c. 50 anos, na corte dos atálidas, entidade de promoção política, religiosa, de tradição e sincretismo cultural – dinastia helenística que governou o reino de Pérgamo, Ásia Menor, c. 283 a.C. – 133 a.C., com Filetero, Êumenes I, Átalo I Soter, Êumenes II, Átalo II, Átalo III). Outro nome a considerar pertence ao paradoxógrafo(?) Antígono de Cime, costa oeste da Ásia Menor, na região da Eólia (séc. III a.C.). Acresce o médico e astrólogo Antígono de Niceia, região da Bitúnia, no noroeste da Ásia Menor (período helenístico, c. séc. III a.C. a I a.C.). Para

reportado autor de Caristo, ainda que reconhecido na elaboração de diversos escritos⁵, recolhe múltiplas dúvidas, no que concerne ao conjunto paradoxográfico, desde a recusa de uns⁶ à aceitação de outros⁷, pelo que se opta correntemente pela designação de Ps.-Antígono. A demarcação estilística em relação às demais obras justifica até que se equacione uma elaboração póstuma, quiçá por eruditos da corte de Constantino Porfirogênio⁸, baseada na recolha inicial efetuada em c. 240 a.C.⁹.

2. De Compositione

Fonte segunda de um provecto tipo de semiose literária (séc. III a.C.), Ps. Antígono colige¹⁰ *anecdota* paradoxográficos, em número de 173, respeitantes a realidades empíricas alegadamente vivenciadas, num espaço de compromisso entre mito¹¹ e razão.

No inverso do que o título poderá indiciar, o conjunto não configura um manual de historicidade¹², mas antes uma exposição coesa e harmonizada pela transversalidade temática de teor sensacionalista própria da categoria literária em que se inscreve.

mais, o gramático Antígono de Alexandria, cidade fundada por Alexandre, o Grande, no delta do Nilo, no Egito. (séc. II a.C.). Vd. Dorandi 1999, pp. 60-64.

⁵ Contam-se da lavra de Antígono de Caristo títulos como *Περὶ λέξεως*, *Sobre a Linguagem*; *Περὶ ζῳων ιδιωμάτων*, *Sobre Características de Animais*; *Ἀντίπατρος*, *Antípatros*; *Περὶ Μακεδονίας περιήγησις*, *Periegesis de Macedónia / Descrição da Macedónia*; *Περὶ ἀνθρώπων βίων*, *Sobre a Vida dos Homens / Vidas dos Filósofos*; *Περὶ ἀσθενειῶν*, *Sobre Doenças*; *Ἀστέρων Κώδικες*, *Códigos de Estrelas*.

⁶ E.g. Köpke 1862, p. 2; Musso 1976, pp. 1–10 y 1985, p. 9; Dorandi 1999, pp. XI–XXXII, sugerindo a existência de uma outra personalidade de nome Antígono.

⁷ Viz. Wilamowitz-Moellendorff 1881, pp. 16–26. Schepens y Delcroix 1996, p. 401; Vergados 2007.

⁸ Musso 1976, pp. 1-10, 15-17.

⁹ Wilamowitz-Moellendorff 1965, p. 23.

¹⁰ Com efeito, o título exposto antes da obra não reporta um trabalho de criação, mas antes um procedimento editorial relativo ao tratamento de informações divulgadas anteriormente – antologia, coletânea, compilação. Por seu turno, Pajón Leyra 2012, p. 85 prefere atribuir à escrita de Ps.-Antígono, respeitando a consideração do próprio (§15), o termo *ἐκλογή*, aludindo à extração de material.

¹¹ Importa reavaliar a errónea dicotomia simplista ‘mito (elemento supostamente falso, exposto em vertentes como religião e poética/usos tradicionais, lendários, populares e ornamentais) ~ razão (λόγος, no sentido fixado sobretudo a partir do séc. V a.C., com associação a ἀλήθεια, ‘verdade’, em áreas como pensamento lógico-filosófico – Heraclit. fr. 115 Diels, ciência, história). Considere-se, pois, que os assombros não traduzem necessariamente ficcionalidade, mas porventura eventualidades não explicadas do ponto de vista histórico-científico, ou mesmo uma necessidade de encriptar o acesso a determinadas mensagens – na realidade, uma ‘linguagem mitológica’ (conexão ritual; estruturas – mitemas e modelos de práticas comportamentais) com a obrigatoriedade de decifração metafórica / alegórica (viz. Pl. *Ep.* 7; Plu. 8.8.3).

¹² Convém distinguir a história de outros domínios e formas de expressão, designadamente da lírica/poesia (e.g. Pl. *R.* 2.378e-2.379a; Isoc. 15.45; Plu. *De gloria Atheniensium* 348a). Consequentemente, há que delimitar a área de estudo, diferenciar e caracterizar a matéria abordada, o que conduz ao estabelecimento de polos tradicionalmente antagónicos, que não deverão considerar-se de modo absolutamente simplista e absoluto, como realidade-factualidade ~ ficção-mito (e.g. Crates fr. 18 Mette). Pois, se Heraclit. fr. 55 Diels privilegia uma vertente a explicativa e racional (cf. prosseguimento platónico *R.* 529d), anteriormente Hes. *Th.* 26-28 adscreeva às Musas do Hêlicon capacidade de revelar aos pastores tanto falsidades como pronunciar verdades. A trajetória literária descreve, na realidade um percurso de racionalização. Quanto aos estudiosos, a denominação varia em termos linguísticos: e.g. Heródoto (1.1.) classifica o seu trabalho

Sem refletir novidade absoluta, mune-se de simpreza estilística repetitiva¹³, refletindo uma consciência metodológica de reutilização de πράγματα, através do resumo¹⁴, pouca variação e reescrita, aproximando-se, de certa forma, a exercícios de *progymnasmata*.

O exotismo paradoxográfico de consumo/popular reflete conexões de matiz enciclopédica, conjugando diversos domínios do saber, e.g. novelística; superstições; magia; religiosidade; literatura periéctica; historiografia; filosofia; geografia (meteorologia, mineralogia, orologia, hidrografia), zoologia, meteorologia, botânica, etnografia.

Em termos absolutos, a comunicação processa-se de um emissor único (evidenciado pelo uso gramatical da primeira pessoa do singular e/ou de um plural majestático). No polo destinatário, encontra-se uma segunda pessoa do singular, qual expediente retórico, de identidade desconhecida (quicá fictícia, denotando um público representativo, aluno, coletivo geral, patrono/figura de autoridade – e.g. Ptolemeu II Filadelfo, séc. IV/III a.C.), por vezes até invocada por formas imperativas.

A estrutura semântica permite, desde logo, considerar, um binarismo basilar entre seres inanimados ~ seres animados¹⁵, e delimitar vários grupos temáticos: zoologia (§1-108)¹⁶, fisiologia humana, fisiognomonía (§109-118); limnologia, hidrogeologia/fontanologia, petrologia/mineralogia (§129-169); *uaria* (§119-128, 169-173). Estudiosos há que diferenciam ainda núcleos relativos a *topoi* condicionados (§119-128) e à obra de Calímaco (§129-173)¹⁷.

Em suma, mostra um cariz constativo-didático desprovido do recurso a linhas explicativas e notas críticas de exegese racionalista, dessacralização, conhecimentos

como ἱστορία, ‘história’ e Cícero apelida-o de *pater historiae*, ‘pai da História’ (*Leg.* 1.5); porém, Aristóteles designa-o de mitólogo (*GA* 756b6). De modo similar, Hecateu *ap.* Hdt. 2.143 é referido como λογοποιός, ‘historiador’, mas o autor menciona o seu trabalho como μυθεῖν, ‘contar contos’ *FGrH* 1, fr. 1a (*EGM* fr. 1). Os *anecdota* paradoxográficos posicionam-se num espaço de certa forma indefinido, apresentando-se como exceções/assombros, evitando a pormenorização histórica factual e configurando pequenos relatos individuais de alegados eventos destituídos da regularidade de justificações racionais/científicas. Vd. Gabba 1981, pp. 50–62; Buxton 1999; Schepens y Delcroix 1996, p. 391.

¹³ Cf. *koine* alexandrina; *hapax legomena*; preferência pelo uso de γε, em detrimento de δέ; simplificação semântica e sintética aristotélica; utilização de καί com valor intensivo; uso de καὶ μὴν por μέν, com sentido positivo; sincretismo entre a escrita original (iónico-ático) e vários dialetos; emprego frequente de partículas (e.g. γὰρ, οὖν, τε...τε), expressões comparativas (e.g. οὐχ ἥττον), imperativos. Vd. Fournet 2009, p. 19.

¹⁴ Cf. Whitmarsh 2010, pp. 307, 309: ‘cultura de epitomização’.

¹⁵ Vd. Eleftheriou 2018, p. 23.

¹⁶ Considerem se, neste grupo relativo a seres vivos, a alusão a plantas. A alusão à paradoxografia botânica advém de informações disponibilizadas no período helenístico (viz. *corpus* aristotélico; Teofrasto). A sua alusão, todavia, restringe-se a poucos *paradoxa*, juntando-se, não raro, a outros elementos (e.g. § 1-8, 14-18, 19, 25-26, 30-36, 60-83, 119-120, 129-132, 166-171, 166-171). Cf. Eleftheriou 2021, pp. 109-130.

¹⁷ No que concerne ao recurso admitido à obra paradoxográfica de Calímaco (§129), importa refletir a propósito da utilização da obra *Περὶ τῶν ἐν τῇ οἰκουμένῃ ποταμῶν, Θανμάτων τῶν εἰς ἅπασαν τὴν γῆν κατὰ τόπους ὄντων συναγωγή* (*Coleção de maravilhas em todo o mundo organizada por local, Sud.* κ227), indisponível na atualidade. Porventura, à semelhança de outros modelos, terá parafraseado e sintetizado episódios. De toda a forma, a obra de Antígono e vendem-se e asse enquanto marco preponderante para o conhecimento dos escritos de Calímaco, juntando-se a outras escassas fontes.

histórico-científicos ampliados pela disponibilização de novas realidades e experiências proporcionadas pelas conquistas de Alexandre Magno. Todavia, não se trata de uma toada folhetinista absolutamente conformista e amorfa face a modelos transatos, mas o autor-coletor traça uma linha de continuidade entre o passado e o futuro da sua cronologia. Para tanto, seleciona¹⁸ material (§32, 129), procede a omissões (§119) e chega a recusar determinados recontos (e.g. Ctésias, §[16]; §60, contrariamente a Arist.), posicionando-se assim como um marco de possível influência no advento literário seguinte.

Stricto sensu, o conjunto não parece haver recolhido uma avassaladora notoriedade, capaz de certificar a sua real influência em autores posteriores, quando repetem os mesmos episódios. A difusão revelou-se deveras restrita e limitada, quer em cópias quirógrafas, quer em edições posteriores à *editio princeps* de Basileia, por G. Xilandro (1568): 116-153. Considerando a incerteza da questão, opta o presente estudo por não indicar autores de data posterior que hajam usado o mesmo material, por forma a evitar possíveis erros e anacronismos.

3. Testimonia

Ps. Antígono resguarda o efeito assombroso e surpreendente típico do género paradoxográfico, conciliando polos antitéticos¹⁹, amparando-se em vetores de plausibilidade, verossimilhança e credibilidade assegurados mediante a alegação de testemunhos anónimos e literários (com poucas faltas registadas, e.g. §128, quiçá lapso do copista). O procedimento detém carácter antifolológico, pois, se, por um lado, reconhece mestria a determinados nomes, por outro, utilizado *ad nauseam*²⁰ poderá denotar um efeito inverso e incorrer em monotonia e banalização.

A escolha de referências (§26, 45, 50) é variada e diversificada, não focando apenas o polo aristotélico (viz. Arist. *GA*, *HA*, *Mir.*, *PA*), tampouco o paradoxográfico de Calímaco (Θαυμασιῶν τῶν εἰς ἅπασαν τὴν γῆν κατὰ τόπους ὄντων συναγωγή), mas sobretudo a erudição helenística. A indicação de modelos condiciona o recurso a formas declarativas como φησί, λέγει, λέγεται, assim como um discurso com múltiplas orações infinitivas, de sujeito em acusativo e verbo em infinitivo, o que origina vários níveis narratológicos e a apresentação de cada episódio como uma narrativa interna individual²¹. Simultaneamente, o procedimento sintático harmoniza o conjunto como peças de uma microestrutura, selecionada a partir de uma fonte alheia (e.g. aristotélica: 27-115).

¹⁸ Cf. Jacob 1983, pp. 121-140.

¹⁹ Cf. Schepens y Delcroix 1996, p. 391; Hawes 2014, pp. 37, 93.

²⁰ Atenda-se, *mutatis mutandis*, à utilização do procedimento, mediante a análise de Schmitz 2004, pp. 99-100. No seguimento desse raciocínio, poderá considerar-se como reflexo de alguma rivalidade a atribuição de alguns s epítetos qualificativos a determinadas fontes: e.g. Homero (πολυπράγμονα καὶ περιττὸν; παρὰ πάντων ἐπιμελὴς καὶ πολυπράγμονα); Filetas (περίεργος); Ctésias (τερατώδης). Cf. Schepens y Delcroix 1996, p. 386.

²¹ Vd. Hansen 2004, pp. 113-114.

Além das principais fontes literárias assumidas, aduzem-se outras também reconhecidas na receção²², particularmente do foro historiográfico e poético, a exemplo de Homero (§71, 24, 168)²³; Hesíodo (§21), Álcman (séc. VII a.C. – §23); Teógnis (séc. VI a.C. – §25); do séc. V a.C. – Ameleságoras (§12), Arquélau (§19, 89), Ctésias (§16, 145, 165, 166), Heródoto (§13, 21), Helânico (§126), Hípon/Hípis (§121), Ésquilo (§117), Píndaro (§140), Polícrito (§135), Teopompo (§14, 15); do séc. IV a.C. – Fílon (§145), Fânias (§155, 171), Eudoxo (§12, 129, 138, 147, 1533, 161, 162), Dioscórides (§26); Heraclides Pôntico (§147*); Xenófilo (§151); do séc. IV-III a.C. – Filetas (§8, 19), Lico (§60, 133, 139, 154, 159, 172), Megástenes (§132), Nicágoras (§157), Teofrasto (§130, 158), Timeu (§1, 134, 140, 168); do séc. III a.C. – Amometo (§149), Filoxeno (§127), Mirsilo (§5). Juntam-se ainda referências anónimas (reportadas a ἔνιοι e a etnónimos), muitas provenientes da tradição local de cada região.

A gestão das fontes condiciona a existência de pontos de focalização distintos para expor o contemplado: ora decorre da terceira pessoa singular (por vezes nominalizada) / plural/coletiva (e.g. culturas) / impessoal: ora o relato de observações próprias (αὐτοψία) torna o autor por vezes também narrador heterodiegético, com intervenção na metodologia narrativa da obra, face aos modelos selecionados (viz. Arist. §26, 60; Call. §45).

Os testemunhos de verossimilhança e credibilidade justificam que se visualize a estruturação dos vários *opuscula* mediante os seguintes agrupamentos: §1-26 – episódios de teor mormente zoológico e histórico-científico, a partir de testemunhos variados; §26-60 – material aproveitado sobretudo a partir de Arist. *HA* 9²⁴; §60-115 – assente na obra aristotélica *HA* na sua totalidade (*HA* 7: §109-114, biologia humana); §115-128 – material concernente a natureza, história, topografia, proveniente de Arist. *HA* 7 e fontes variadas; §129-173 – circunstâncias fundamentadas em Call.

As influências intertextuais complementam-se e concretizam-se com citações (sobretudo poéticas, na parte inicial da obra)²⁵, que, embora descontextualizadas, geram alguma familiaridade num público ouvinte confrontado com um panorama de realidades incomuns. Pese embora a tonalidade de folclore associada à temática, o público recetor deverá possuir alguma erudição, por forma a tornar a ἐναργής perceptível, identificável e

²² O exercício hodierno de indicar fontes e modelos consiste numa prática artificial, falaz e até anacrónica, porquanto se estabelecem conclusões a partir da leitura do reduzido espólio literário sobrevivente na atualidade (conhecido e imitado ou não pelo autor), obliterando um conjunto distinto, quiçá maior, de obras de facto seguidas. Assim, na realidade, além de citações diretas e de alguns nomes de autores indicados, apenas resta proceder a um registo de similitudes semânticas e expressivas, face a determinadas composições literárias desde a épica homérica.

²³ A complexa ‘questão homérica’, enquanto conjunto de dúvidas relativas à existência, proveniência e datação de Homero (cf. Hdt. 2.53, estimando Homero e Hesíodo c. 400 anos antes de si), à autoria, forma de composição das epopeias que lhe são comumente atribuídas (viz. *Iliada* e *Odisseia*), existência factual de alguns conteúdos, não parecia colocar-se na Antiguidade. Contudo, as dúvidas suscitadas por estudiosos adeptos da posição dos analíticos, sucedânea de F. Wolf (séc. XVIII), contrariados pelos unitários, são dados muito posteriores e não se refletem sobre o autor desta obra.

²⁴ Cf. §26: ἐκ τῆς τοῦ Ἀριστοτέλους συναγωγῆς, «a partir da coletânea de Aristóteles».

²⁵ Musso 1976, pp. 83-89.

validada. Contam-se *Od.* 16.31; *Hes. Op.* 524 (§21); *h.Merc.* 51 (§7, permitindo conectar a música com *thaumata*); *Alcm. fr.* 26 Page (§23); *A. fr.* 133 (242) Smyth – §115, *A. fr.* 134 (243) Smyth – §115; *Arquelau fr. SH* 125 (§19), *SH* 126 (§19), *fr. 129 SH* (§89); *Philet. fr.* 18 *Sbard.* (= 20 *Sp.* = 16 *Pow.*): §8; *fr. 17 Sbard.* (= 14 *Sp.* = 22 *Pow.*): §19; *Philox. fr.* 16 Page (§127); *Thgn.* 215 (§25); *Call. F* 469 *Pf.* (§45).

Quiçá com um mesmo propósito esclarecedor e confortante, evidenciam-se referências da tradição mitológica, por seis ocasiões²⁶ da atipia. Na margem do manuscrito, encontra-se a forma abreviada MYΘ., sendo apenas possível conjecturar tratar-se de uma nota autoral. Esta harmonização pouco provável poderá induzir raciocínios conotativos de índole diferenciada. Evocar o mito como ‘dito, confabulação’, poderá, ao conjugar-se com a paradoxografia, emitir uma osmose semântica aparentemente antagónica (λόγος e μῦθος) e retirar alguma factualidade aos eventos expostos. No inverso, porém, tomando o mito e os recontos paradoxográficos enquanto formas metafóricas e enigmáticas de linguagem, o cenário adquire contornos de apelo a um exercício de racionalização, conservando o pragmatismo proporcionado pela fantasia (e.g. facilitação de memória, expediente ilustrativo e ornamental), qual procedimento retórico narrativo (διήγημα, ‘narração, conto’) de teor didático.

4. Da Tradução

A seguinte versão toma por base o texto grego editado por Giannini, Alessandro 1963: *Studi sulla paradosografia greca I: Da Omero a Callimaco: Motivi e forme del meraviglioso*, Milano, pp. 31-107.

Ao longo da tradução, disponibiliza-se, entre parênteses retos, o número de ordem reproduzido no manuscrito e na primeira edição, que, em certos casos, embora se mantenha o assunto na generalidade, a versão de outros autores e(ou) exemplos análogos são distinguidos em episódios diferentes, que se juntam à compilação de 173 episódios, até perfazer o número de 189²⁷. Fenómeno inverso também se constata (e.g. § 46, 47 = [50]; §101, 102 = [110]).

Na inexistência de sinonímia total e absoluta, tornar-se-ia vão sequer pensar em plasmar os factos de uma língua pelos de outra. Assim, a tradução ora veiculada procura manter do original composto e editado em língua helénica, tanto quanto possível, a sequência ideológica, feições de índole estilística e alguns fenómenos suprasegmentais, como pontuação.

²⁶ Designadamente, na margem esquerda do manuscrito: §12 [§12 - f. 244v]: relacionamento matrimonial de Atena e Hefesto, com o nascimento de Erictónio; §56 [61– f. 252v] Leto metamorfoseada em lobo – parto de lobos; §163 [179 - f. 260v]: banho de Europa após relacionamento sexual com Zeus; §172 [188 - f. 261v]: Diomedes e companheiros transformados em animais – ilha de Diomeia. Na margem direita do manuscrito: §117 [129 – f. 256]: local de enterro do Centauro Nesso após morte por Héracles; §118 [130 - f. 256]: Jasão na ilha de Lemnos. Cf. Eleftheriou 2016, pp. 32-40.

²⁷ O códice remata opúsculo com a observação final de episódios em falta (*reliqua desiderantur*), o que chama a atenção para um original de maior extensão, porventura corrompido.

Quanto a citações literárias, encontram-se colocadas entre aspas baixas. As aspas altas estão reservadas para intervenções dialógicas de personagens em discurso indireto livre.

O plural majestático, para uma leitura hodierna mais facilitada, regra geral, é substituído pelo singular, ao passo que a sua manutenção esporádica se prende com a conservação de ênfase.

Antropónimos, etnónimos, mitónimos, topónimos e heortónimos são adaptados à língua portuguesa.

5. Tradução

Antígono

Coletânea de Histórias Incríveis

1. Timeu²⁸, que escreveu a história da Sicília, registou que, onde o rio chamado Alex constitui uma fronteira entre os Lócrios e o povo de Régio, as cigarras do lado dos Lócrios cantam, enquanto as do lado de Régio são mudas. E refere algo ainda mais fabuloso do que isto: quando os citaristas Aríston de Régio²⁹ e Eunomo de Lócris³⁰ chegaram a Delfos, discordaram entre si sobre a ordem de apresentação — o primeiro considerava que não deveria ficar em posição inferior, já que toda a região de Régio fora colonizada a partir de Delfos e havia sido estabelecida pelo deus³¹. Por seu turno, o segundo argumentava que era completamente inadequado que os que iriam cantar acompanhados de cítara fossem aqueles entre os quais nem sequer as cigarras cantavam. Assim, embora o de Régio fosse o favorito para vencer o concurso, Eunomo, o Lócrio, saiu vitorioso por esta razão: enquanto ele cantava, uma cigarra que havia pousado na sua lira começou a estridular, e a multidão reunida aclamou o ocorrido e exigiu a sua vitória.
2. Outra ocorrência igualmente fabulosa regista-se entre os habitantes de Régio: que Héracles³², ao ser perturbado por cigarras depois de adormecer num local da região, orou para que ficassem mudas.

²⁸ Tim. fr. 126 Goell. Timeu de Tauroménio, Sicília (c. meados séc. IV a.C. - meados séc. III a.C.), discípulo de Isócrates, tirano, banido da Sicília por Agátocles (séc IV a.C.) e exilado em Atenas. Escreveu a respeito da história da Sicília, desde as origens até 264 a.C. – Ἱταλικά καὶ Σικελικά, Ἑλληνικά καὶ Σικελικά.

²⁹ Músico (séc. V a.C.). Cf. Str. 6.1.9.

³⁰ Eunomo de Lócris, citarista recortado pela tradição como tendo partido algumas cordas instrumentais, nos Jogos Píticos, situação reparada através do som de algumas cigarras, que se introduziram no instrumento. Cf. Arist. HA 8.28 (605b 25).

³¹ Entenda-se alusão à divindade do Santuário de Delfos: Apolo.

³² Herói da tradição mitológica clássica, figura semidivina gerada a partir do relacionamento de Zeus e Alcmena. Notável, em particular, pela realização de 12 trabalhos.

3. Em Cefalónia³³, também, um rio divide a terra e, enquanto no lado mais próximo há cigarras, no flanco mais distante não existe nenhuma.
4. Tampouco coaxam rãs em Serifo³⁴. Um mito semelhante prevalece entre os Serifianos, à exceção de que, enquanto os Reginos contam isso sobre Hércules, os Serifianos retratam a respeito de Perseu.
5. Mirsilo³⁵, que escreveu *Lesbiaca*, discorre a respeito da zona de Antissa, onde os habitantes exibem o túmulo com a cabeça de Orfeu³⁶ e os rouxinóis têm uma voz mais melodiosa do que os demais.
6. Este tipo de compilação aborda as perdizes mencionadas na Ática e na Beócia, entre as quais umas são melodiosas, outras completamente fracas de voz³⁷.
7. Há também algo singular sobre as tripas das ovelhas: as do carneiro são silenciosas, ao passo que as da ovelha são melodiosas. Poder-se-ia entender que o Poeta³⁸, que tem uma verdadeira sede de conhecimento e é extremamente erudito, está a referir-se a isto, quando afirma: «estendeu sete cordas de ovelhas fêmeas».
8. Não menos maravilhoso do que isto, mas mais familiar, é o facto relativo ao espinho na Sicília chamado cardo³⁹: sempre que um veado o pisa e se fere, os seus ossos tornam-se áfonos e inúteis para a construção de aulos⁴⁰. Consequentemente, Filetas⁴¹ também refletiu a esse respeito, ao dizer: «Que o cervo cante após a sua partida da vida, | caso se tenha protegido do espinho afiado do cardo».
9. Nas ilhas dos Lemnianos apelidadas Nea, não se encontram perdizes, Se alguém tentar inseri-las nessa zona, elas morrem. Alguns contam algo ainda mais prodigioso do que isto – que, se virem a região, sucumbem.
10. A Beócia tem uma grande quantidade de ratazanas-toupeiras. Apenas em Coroneia não se encontra este animal e se for aí inserido ele morre. O mesmo acontece com lobos e pequenas corujas em Creta, onde dizem que a região não suporta a presença de nenhuma criatura mortal⁴².

³³ Cf. Arist. *HA* 8.28 (605b 27-29).

³⁴ Cf. Arist. *Mir.* 70; Theophr. fr. 180 Wimmer. A situação Βάτραχος Σερίφιος viria a ficar gravada nos registos paremiológicos (e.g. Diogenian. 3.45).

³⁵ Mirsilo, autor do séc. VI a.C. associado à escola poética de Lesbos. *Lesbiaca* constitui um poema épico reflexo da identidade cultural, relativo à história e mitologia da ilha de Lesbos. (*FHG* 477 F 4; *FHG* 4.460; F 2 Giannini; I Westermann).

³⁶ Vd. Guthrie 1993, p. 3 discute, na sua obra, a propósito da existência empírica de Orfeu, o que acarreta algumas considerações relativas à factualidade presente na mitologia e no tocante aos fundamentos do evemerismo. Tomando por referência a tradição literária, Apollod. 1.9.25 menciona que Orfeu participara na expedição dos Argonautas, liderada por Jasão, enquanto *keleustes*, isto é, marcador do ritmo dos remadores e executor dos rituais religiosos. Pese embora a consideração dos homens músicos como efeminados, manifesta a sua força aquando dos *agones* musicais que trava e vence com Quíron e as Sirenes. Cf., no episódio, Arist. *HA* 4.9 (536b 13-15), 10.38 (895a 4-14). Considerem-se, ademais, o orfismo; a filosofia estoica, o pitagorismo e a sua inserção no paradigma judaico-cristão.

³⁷ Cf. Arist. *HA* 4.9 (536b 13-15), 10.38 (895a 4-14); Theophr. fr. 181 Wimmer.

³⁸ Entenda-se ‘Hino Homérico’. Cf. *H. Merc.* 51.

³⁹ Vd. ἄκανθα. Cf. Theophr. *HP* 644.10.

⁴⁰ O instrumento mencionado integra-se entre os aerofones – aulo (αὐλός), equivalente, na atualidade, ao oboé.

⁴¹ Lírico elegíaco e épico, séc. IV a.C., natural de Rodes. Philet. fr. 18 Sbard. (= 20 Sp. = 16 Pow.).

⁴² Cf. Arist. *HA* 8.28 (605b 31 - 606 a 2), *Mir.* 83, 124.

11. Não há cobras em Astipaleia, nem lebres em Ítaca, nem javalis e veados na Líbia, nem doninhas em Rineia, que fica perto de Delos; e a galinha-pintada não é vista em nenhum lugar⁴³, <à exceção de Leros>.
12. Ameleságoras, o Ateniese, que escreveu *Ática*, afirma⁴⁴ que o corvo não voa em direção à Acrópole⁴⁵, e não há ninguém que possa afirmar ter visto algum a fazê-lo. Ele apresenta a razão de forma mitológica. Com efeito, refere que, quando Atena foi concedida a Hefesto, ao deitar-se com ele, desapareceu. Então, caído sobre o chão, Hefesto soltou o seu esperma. A terra gerou-lhe Erictónio, que Atena acolheu e a seguir fechou num cesto e entregou-o às filhas de Cérops (Agraúlo, Pândroso e Herse)⁴⁶, com a advertência de que não deveriam abrir a cesta até que ela própria voltasse. Quando chegou a Pelene⁴⁷ para trazer uma montanha com o intuito de constituir uma fortificação diante da Acrópole, duas das filhas de Cérops (Agraúlo e Pândroso) abriram o cesto e viram duas serpentes em torno de Erictónio. Um corvo encontrou Atena enquanto ela carregava a montanha que agora se chama Licabeto, e contou-lhe que Erictónio estava exposto ao ar livre. Ela, ao ouvir isso, atirou a montanha para a posição onde agora se encontra e disse ao corvo que, por causa da má notícia que tinha trazido, nunca mais seria permitido que voltasse a aproximar-se da Acrópole.
13. Na região da Cítia e igualmente na Élide, não há mulas⁴⁸.
14. Teopompo⁴⁹ diz que na vizinhança dos Calcídicos, na Trácia, há um lugar que, sempre que qualquer outro tipo de animal ali entra, sai ileso, mas nenhum escaravelho consegue escapar: ele gira em círculo e depois morre. De facto, o lugar chama-se *Cantharolethros*⁵⁰ por causa disso.
- 15 Em Cranon, na Tessália, dizem⁵¹ que há apenas dois corvos e, por isso, no emblema da cidade anexado aos registos de proxenia (é costume em toda parte anexar o emblema da cidade a tais registos)⁵², encontram-se representados sobre uma carruagem de bronze dois corvos, pois nunca se viram mais do que esses. A carruagem é representada pela seguinte razão – e isso também pode parecer estranho: eles têm uma carruagem de bronze como uma devoção que, sempre que há uma seca, agitam, enquanto suplicam à divindade por água, e dizem que são atendidos.

⁴³ Cf. Hdt. 4.192; Arist. *HA* 8.28 (606a 2, 6).

⁴⁴ Amelesag. *FGrHist* 330 F 1.

⁴⁵ Vd. ἀκρόπολις; ἄκρος, ‘ponto elevado’ | πόλις, ‘cidade’ - parte alta da cidade de Atenas, centro religioso da cidade.

⁴⁶ Segundo a tradição mitológica, trata-se de um rei de Cecrópia, Ática, γηγενής, ‘nascido da terra’. Corresponde a uma figura de natureza dupla (διφυής): metade do seu corpo é humana; a secção inferior de dragão. Progenitor de um filho (Erisícton) e três filhas (Agraúlo, Pândroso e Herse). Reconhece-se enquanto fundador de cidades e introdutor de elementos de civilidade em Atenas. Vd. Ar. V. 438, *Pl.* 773; Hdt. 8.55.

⁴⁷ Cf. Call. *Hec.* fr. 260 Pf.

⁴⁸ Cf. Hdt. 4.30.

⁴⁹ Cf. Theopomp. fr. 286 Wichers.

⁵⁰ Considere-se um *nomen signiicans* – Κανθαρόλεθρον, Morte do Escaravelho’: κάνθαρος, ‘escaravelho’. *scarabaeus pilularius* | ὄλεθρος, ‘morte, destruição’. Cf. Arist. *Mir.* 120.

⁵¹ Cf. Arist. *HA* 9.31 (618b 9-12), *Mir.* 126.

⁵² A proxenia consiste num sistema de contato diplomático para facilitar relações amistosas entre cidades-estado detentoras de leis, costumes e interesses próprios. Cf. X. *HG* 3.5; Arist. *Pol.* 6.2.

Teopompo⁵³ conta algo mais singular do que isso. Ora, ele relata que [os corvos] permanecem em Cranon até terem posto os seus ovos. Porém, logo que o fazem, abandonam as crias e partem.

[16] Ctésias narra algo semelhante em relação ao povo de Ecbátana⁵⁴ e da Pérsia. No entanto, desconsidere⁵⁵ a passagem, devido às suas muitas mentiras, pois parecia extraordinária.

[17] Mirsilo de Lesbos⁵⁶ garante existir um santuário de Apolo e um *heroon*⁵⁷ de Lepetímnio, no Monte Lepetímnio, onde, tal como em Cranon, existem apenas dois corvos, embora não haja falta deles nas áreas próximas.

16. [18] Em Latmo, na Cária, Aristóteles declara⁵⁸ que os escorpiões causam apenas uma dor moderada, se picarem um estrangeiro, mas tormento até a morte, se for um nativo.

[19] Entre os Líbios, há uns chamados Psilos, com os quais ocorre algo oposto a isto, pois não sofrem nada, quando picados por víboras. Mas no que toca aos outros líbios, nenhum escapa, uma vez mordido.

17. [20] Na Lícia, cresce uma planta apelidada *aigolethron*⁵⁹, que nenhuma das cabras autóctones prova. Todavia, quando uma cabra forasteira a encontra e por ignorância a ingere, morre, devido à destruição do *echinos*, uma parte do estômago.

18. [21] Existe uma ilha perto das regiões de Carístia e Ândria, denominada Giaro⁶⁰. Lá, os ratos roem o ferro. Na ilha, a pera brava é letal e, se a enxertares noutra árvore, murchá-la-ás. [22] O ferrão da raia marinha faz o mesmo: se o aplicares nos dentes, eles apodrecem.

19. [23] Existem outrossim aspetos singulares relativos à criação e transformações dos animais, particularmente quanto à sua génese. Assim, no Egito, se um boi for enterrado em certos locais, desde que os chifres fiquem salientes da terra, depois de algum tempo, diz-se que surgem abelhas a voar desse lugar: pois o animal putrefato transforma-se em abelhas. Filetas, que era bastante curioso, parece ter-se dedicado a isso. Como tal, apelida-as [abelhas] de *bougeneis*⁶¹, ao referir: «Chamando os bovinos, aproximaste-te de grandes abelhas»⁶².

⁵³ Cf. Theopomp. fr. 85 Wickers.

⁵⁴ Povo de Ecbátana, urbe com fortaleza de 7 muros (Hdt. 1.98), reconhecida como cidade que foi capital do Império Medo e, posteriormente, com importância no Império Persa (c. meados do séc. VI a.C.).

⁵⁵ Plural majestático, no original grego. Cf. Ctes. *Persica* fr. 25 Baehr.

⁵⁶ Teopompo (fr. 85 Wickers), todavia, reporta o fenómeno a Antígono, em detrimento do historiador Mirsilo. Cf. tradições mitológicas fundacionais e a crença popular de poder induzir chuva, reforçada pela movimentação de um mecanismo, cujo ruído se aproximaria a um trovão, conjugadas com a erupção de uma fonte (κρήνη), que dá nome a região (eól. κράννα > Κραννών). Cf. Jackson 1995, pp. 57-58.

⁵⁷ Vd. ἥρωον, santuário / monumento / memorial heroico (ἥρωον) de honra e veneração (Hdt. 5.47, 67). O Monte Lepetímnio correspondia ao ponto mais elevado da ilha de Lesbos. Cf. Arist. *Mir.* 149.

⁵⁸ Cf. Arist. *HA* 8. 29 (607a 13).

⁵⁹ Vd. *rhododendron ponticum*, αἰγόλεθρος: αἴξ. ‘cabra | ὄλεθρος, ‘destruição, morte’.

⁶⁰ Cf. Arist. *Mir.* 143; Theophr. fr. 174.8 Wimmer.

⁶¹ Cf. βουγενής: βοῦς, ‘boi’ | γενή, ‘raça’.

⁶² Philet. fr. 17 Sbard. (= 14 Sp. = 22 Pow.).

Também dizem que o crocodilo gera escorpiões e que as vespas se originam a partir de cavalos. Para mais, um certo egípcio Arquelau⁶³, que interpretava coisas inacreditáveis⁶⁴ em epigramas para Ptolemeu, falou assim acerca dos escorpiões: «Em vós, escorpiões, transforma o crocodilo em decomposição | a natureza que cria todas as coisas»⁶⁵. A propósito das vespas: «Do cadáver deste cavalo registai a geração, | vespas! Vede de que material a natureza produz isso»⁶⁶.

Já Aristóteles declara⁶⁷ que os escorpiões são gerados a partir de hortelã bergamota em decomposição.

20. [24] Não menos surpreendente do que estes exemplos é a utilidade dos exúvios, como acontece com o lagarto. Sempre que muda de pele, volta-se e engole-a, pois constitui, segundo comentam e Aristóteles escreve⁶⁸, um remédio para a epilepsia.

Da mesma forma, afirma-se que a foca regurgita o seu soro de leite – isso, de facto, é útil para a mesma doença. As éguas ingerem o excrescente dos seus jovens recém-nascidos, chamado *hippomanes*⁶⁹: este situa-se na testa e é procurado para muitas finalidades.

A corça enterra o seu chifre direito na terra: isto também é útil de muitas maneiras.

Estas coisas — quer sejam por escolha ou por acaso — requerem muita atenção.

21. [25] O polvo come os seus próprios tentáculos, no inverno⁷⁰. Como se refere: «Num dia de inverno, quando o desossado consome a sua pata»⁷¹.

As crias do peixe-cão⁷², ao nascerem, são expelidas da barriga, mas rastejam novamente para a boca.

A leoa não concebe duas vezes, pois, conforme declara Heródoto⁷³, ela expelle o útero com o recém-nascido.

Tampouco a víbora, já que as crias emergentes lhe rompem o ventre⁷⁴.

22. [26] O morcego é o único entre as aves a ter dentes, mamas e leite⁷⁵. Aristóteles⁷⁶ constata que a foca e a baleia também possuem leite. Ele regista algo não menos portentoso do que isso, ao denotar que em Lemnos foi extraído leite de um bode⁷⁷, em quantidade suficiente para fazer queijo.

⁶³ Cf. egípcio Arquelau, provavelmente Arquelau de Quersoneso, nas proximidades de Alexandria.

⁶⁴ Παράδοξα.

⁶⁵ Philet. fr. SH 125.

⁶⁶ Philet. fr. SH 126.

⁶⁷ Cf. Arist. *Mir.* 75.

⁶⁸ Ἐπιληψία. Cf. Ar. *Nu.* 173; Arist. *HA* 6.92 ((577a 7-13), 8.24 (605^a 2-4), *Mir.* 75.

⁶⁹ Cf. ἵππομανής e placentofagia. Vd. S.Aj.143.

⁷⁰ Cf. Arist. *HA* 8.2 (591a 4).

⁷¹ Hes. *Op.* 524.

⁷² Γαλεός. Cf. Pl. *Com.* 137, Arist. *HA* 6.10 (565b 1).

⁷³ Hdt. 3.108. Cf. Arist. *HA* 6.31 (579b 2-4).

⁷⁴ Arist. *Mir.* 165.

⁷⁵ Arist. *HA* 3.1 (511a 28).

⁷⁶ Arist. *HA* 3.19 (521b 21-25).

⁷⁷ Τράγος, ‘bode, macho caprino’. Cf. Arist. *HA* 3.20 (522a 11-16).

23. [27] Os machos do alcião designam-se *ceryloi*⁷⁸. Quando ficam fracos devido à velhice e já não conseguem voar, as fêmeas carregam-nos, levando-os sobre as suas asas. O dito de Álcman está relacionado com isto, pois ele afirma que está fraco em virtude da velhice e incapaz de prosseguir com os coros e com as danças das donzelas: «Donzelas de voz sagrada e melodiosa, já não | consigo carregar mais os meus membros. Quem me dera ser um caduceu, | que voa sobre as ondas com os alcíones, | detendo um coração forte, uma ave de primavera azul-marinho»⁷⁹.
24. [28] O Poeta⁸⁰ também é referido por todos como sendo bastante minucioso e cheio de curiosidade, pois Ulisses, quando os cães o atacaram no caminho até ao guardador de porcos, «agachou-se astutamente e o bastão caiu da sua mão»⁸¹. Na realidade, dizem que, quando alguém está a ser perseguido se agacha, os cães não lhe fazem mal.
25. [29] Outro assombro pertence àqueles que, como o polvo, se tornam semelhantes aos ambientes. De facto, fica indistinguível da cor do fundo do mar e de qualquer coisa que possa entrelaçar, revelando-se difícil de caçar. É evidentemente sobre isso que o poeta escreveu o verso frequentemente citado: «Tendo o espírito do polvo no teu peito, meu filho, adapta-te àqueles com quem convives, <em conformidade com o povo>»⁸². [30] O mesmo acontece com o camaleão, porquanto muda a cor da sua pele a partir dos troncos das árvores, folhas e terra, e, da mesma forma, de qualquer fundo⁸³. [31] Aristóteles profere⁸⁴ que o animal denominado rena também passa por isso. Afirma que se trata de um quadrúpede quase do tamanho do burro, de pele grossa e peludo, e que é notável como o seu pelo muda de cor tão rapidamente.
26. [32] Há uma certa planta, chamada estrela do mar⁸⁵, que cresce na costa sobre rochas e dá uma flor que muda de cor três vezes ao dia – ora branca, ora púrpura, ora amarelodourada.
- As demais habilidades das criaturas vivas, tais como as que se relacionam com conflitos, o tratamento de feridas, a preparação das necessidades da vida, a afetividade, a memória, certamente seriam apreendidas com mais precisão a partir da coletânea de Aristóteles, da qual farei inicialmente a minha⁸⁶ seleção.
27. [33] [Aristóteles refere que] em torno de Conope, perto do Lago Meótis, os lobos procuram o seu sustento com os pescadores e, em troca, guardam a sua pesca. Porém, se suspeitam que foram enganados de alguma forma, destroem as redes e os peixes⁸⁷.

⁷⁸ Cf. ἀλκυών, κηρύλος, *alcedo ispida*, ave marinha portentosa. Vd. Archil. 141; Ar. Av. 300, V. 99; Arist. HA 593b12, Clearch. 73.

⁷⁹ Alcm. fr. 26 Page.

⁸⁰ Entenda-se 'Homero'.

⁸¹ Od. 14.31.

⁸² Thgn. 215. Cf. Arist. HA 9. 37 (622a 8-10).

⁸³ Vd, Arist. HA 2.11 (503b 1). Cf. Theophr. fr. 172, 173, 189 Wimmer.

⁸⁴ Cf. Arist. Mir. 30; Theophr. fr. 172 Wimmer.

⁸⁵ Τριπόλιον, *aster tripolium*, erva marinha 'estrela do mar'. Vd. Diosc. 4.135; Thphr. HP 9.19.2.

⁸⁶ No original grego, plural majestático.

⁸⁷ Cf. Arist. HA 9.36 (620b 5-8).

28. [34] [Aristóteles refere que] na Trácia, na cidade outrora chamada Cedrípolis⁸⁸, homens e falcões caçam em conjunto pequenos pássaros: os homens espantam as aves com varas, e as águias perseguem-nas até que as pequenas aves se choquem contra os homens. Por isso, eles compartilham com os falcões as presas capturadas.
29. [35] [Aristóteles refere que] as corças dão à luz à beira dos caminhos, para evitar as feras predadoras, pois os lobos têm menos probabilidade de atacá-las ali. Elas levam as crias para os esconderijos, habituando-os a fugir quando necessário – trata-se de uma rocha íngreme, com uma saída apenas. Já foi capturada uma corça acânia⁸⁹ com heranos chifres, como se estivessem húmidos. As corças também são presas com a ajuda de siringes⁹⁰ e cânticos, a ponto de se deitarem devido ao prazer⁹¹.
30. [36] [Aristóteles refere que] as cabras selvagens em Creta, quando são atingidas por flechas, procuram a erva chamada *díctamnion*⁹², porquanto se acredita que ela expulsa as flechas⁹³.
31. [37] [Aristóteles refere que] o leopardo, dado que os animais se deleitam com o seu odor, se esconde e, assim, caça aqueles que se aproximam⁹⁴.
32. [38] [Aristóteles refere que] o icnêumon, ao ver uma áspide, não a ataca antes de chamar outros para ajudar. Por outro lado, cobrem-se de lama, como proteção contra as mordidas e golpes. Primeiro, humedecem a pele; depois rolam na poeira⁹⁵.
33. [39] Relata que as tarambolas limpam os dentes dos crocodilos e se alimentam disso. O crocodilo, por seu turno, sente-se útil e, quando a tarambola pretende sair, move o pescoço para que [o pássaro] não seja mordido pelos dentes⁹⁶.
34. [40] [Aristóteles refere que] a tartaruga, sempre que come uma cobra, ingere orégão como antídoto. E certa vez, após alguém observar e extrair o orégão, como não o tinha para ingerir, [a tartaruga] morreu⁹⁷.
35. [41] [Aristóteles refere que] a doninha, quando luta com uma cobra, ingere arruda previamente, pois o seu odor é repugnante para a cobra. Além disso, a arruda é eficaz contra a mordida de cobra, quando filtrada em vinho puro e bebida. De igual forma, o porco, sempre que é mordido por uma cobra, corre imediatamente para os rios e procura o caranguejo – isso também foi registado e é extremamente eficaz para as feridas causadas pela serpente⁹⁸.
36. [42] [Aristóteles refere que], por seu turno, a rola, quando está ferida, enche a ferida com orégão e assim recupera a sua saúde⁹⁹.

⁸⁸ Κεδρόπολις. Cf. Arist. HA 9.36 (620a 33-620b 4); Mir. 118.

⁸⁹ Da região de Ἀχαΐνη, Acaia(?), no norte do Peloponeso e a sul do Golfo de Corinto.

⁹⁰ Σύριγξ, instrumento de sopro, com vários tubos de comprimento variado.

⁹¹ Cf. Arist. HA 6.29 (578b 17, 21-23), 9.5 (611a 15, 19-22), 9.6 (611b 17-20, 26-28), Mir. 5.

⁹² Δίκτημνον, *origanum dictamnus*, 'ditamo de Creta'.

⁹³ Cf. Arist. HA 9.6 (612a 3-5), Mir. 4.

⁹⁴ Cf. Arist. HA 9.6 (612a 12-15), 13.4 (907b 35-37); Teophr. CP 6.5.2.

⁹⁵ Cf. Arist. HA 9.6 (612a 15-20).

⁹⁶ Cf. Arist. HA 9.6 (612a 20-249, Mir. 7; Hdt. 2.68.

⁹⁷ Cf. Arist. HA 9.6 (612a 24-28), Mir. 11.

⁹⁸ Cf. Arist. HA 9.6 (612a 28-30).

⁹⁹ Cf. Arist. HA 9.6 (612a 32-34).

37. [43] [Aristóteles refere que] a andorinha, ao construir o seu ninho, entrelaça lama com palha; e que, se o barro faltar, se molha e revolve na lama, transportando-a com as asas e constrói um ninho de palha como um ser humano, colocando os materiais duros em baixo. Dá a comida aos seus filhotes por turnos, certificando-se para não dar duas vezes aos mesmos. E que, quando são pequenos, ela remove os excrementos deles; e quando crescem, os ensina a virarem-se e a eliminarem os excrementos do lado de fora.
38. [44] [Aristóteles refere que] as pombas não gostam de acasalar com múltiplos parceiros, nem de abandonar o seu par, a não ser que fiquem viúvas. Para os filhotes, mastigam terra salgada e cospem o alimento que prepararam nas suas bocas¹⁰⁰.
39. [45] [Aristóteles refere que] as perdizes, sempre que alguém caça os seus filhotes, rolam à frente do caçador como se estivessem debilitadas e o atraem, enquanto os filhotes fogem. Por serem muito lascivas, os machos destroem os ovos, para que a fêmea não os incube; mas ela consegue escapar e pôr novos ovos. Os machos viúvos lutam entre si e aquele que sai derrotado segue o vencedor, submetendo-se apenas a ele¹⁰¹.
40. [46] [Aristóteles refere que] os groux voam a grande altura para poderem observar uma vasta área; e se veem nuvens e tempestades, permanecem quietos. Possuem outrossim um líder: enquanto os outros dormem com as cabeças debaixo das asas, o líder mantém a sua cabeça erguida, para vigiar e, se perceber algo, sinaliza aos outros com um grito¹⁰².
41. [47] [Aristóteles refere que] os pelicanos engolem mexilhões inteiros <e de grande dimensão>. Mantêm-nos um pouco no papo acima do seu estômago e, quando as conchas se abrem, regurgitam-nos e extraem a carne, que se encontra, dessa forma, separada¹⁰³.
42. [48] Há quem diga¹⁰⁴ que nunca foi visto o filhote de um abutre, nem mesmo o seu ninho. Por isso, Heródoro, pai de Bríson, o sofista¹⁰⁵, afirma que eles vêm de outra terra, suspensa no ar. Portanto, os abutres nidificam em penhascos inacessíveis.
43. [49] Alguns também proferem¹⁰⁶ que a canela é um pássaro que carrega especiarias e constrói os seus ninhos a partir delas. Nidifica em árvores altas e inacessíveis. Os habitantes locais embebem flechas em chumbo para lançar e destruir os ninhos.
44. [50] [Aristóteles refere que] parece que o cuco esconde os seus filhotes nos ninhos de outros pássaros, devido à sua cobardia e incapacidade de defendê-los. Na realidade, até mesmo as menores aves lhes retiram as penas. Os pássaros que acolhem os filhotes expulsam as suas próprias crias, devido à beleza do filhote do cuco¹⁰⁷.
45. [51] [Aristóteles refere que] o pintarroxo mama em cabras, ao aproximar-se delas. O mamilo do qual suga seca e <a cabra> fica cega. O pássaro é manco, pelo que Calímaco

¹⁰⁰ Cf. Arist. *HA* 9.7 (612b 32-34, 613a 2-5).

¹⁰¹ Cf. Arist. *HA* 9.8 (613b 17-20, 25-28, 614a 1-3).

¹⁰² Cf. Arist. *HA* 9.10 (614b 19-21, 23-26).

¹⁰³ Cf. Arist. *HA* 9.10 (614b 26-30), *Mir.* 14.

¹⁰⁴ Cf. Arist. *HA* 6.5 (563a 4-8), 9.11 (615a 8-11).

¹⁰⁵ Nomes indicados por Aristóteles, e.g. *Mir.* 61, *Rh.* 3.2.

¹⁰⁶ Cf. Arist. *HA* 9.13 (616a 6-12); Herod. 3.111.

¹⁰⁷ Cf. Arist. *HA* 9.29 (618a 26-30).

do Egito, desejando ser muito claro, afirmou, após ter falado anteriormente de outra ave ao falar de outra ave, «o pintarroxo manca»¹⁰⁸. No entanto, o seu relato não se confirma, pois não é manco de ambas as patas. O vocábulo ‘manca’ não se aplica a isso, mas, conforme se refere em Hefesto, quando alguém está manco de ambos os membros. Fui levado a mencionar Calímaco por causa da sua implausibilidade¹⁰⁹.

46. [52] Aristóteles¹¹⁰ alega que, ao envelhecer, o bico da águia cresce e encurva, e que ela acaba por morrer de fome. Ademais, que o abutre cuida dos filhotes expulsos pela águia e os cria. E que a águia compele as suas crias, enquanto ainda são jovens, a olhar para o sol, e mata aquelas que tenham os olhos lacrimejantes e não conseguem enfrentar a luz.
47. [52] [Aristóteles refere que] entre os peixes, o chamado ‘peixe sapo’¹¹¹ apanha os peixinhos com os filamentos dos seus olhos, cujo comprimento é semelhante a cabelos e na extremidade têm um filamento semelhante a um isco arredondado. Portanto, escondendo-se, ele estende esses filamentos¹¹².
48. [53] [Aristóteles refere que] a raia elétrica, ao enterrar-se, apanha os peixes que, quando se aproximam, não conseguem nadar, devido ao torpor que ela induz¹¹³.
49. [54] [Aristóteles refere que] os chamados ‘peixes-raposa’, quando percebem que engoliram um anzol, retornam depressa e mordem a linha acima dele¹¹⁴.
50. [55] [Aristóteles refere que] o polvo deposita alimento nos seus abrigos e, quando consome o que é útil, deita fora o que não é necessário e caça os peixes pequenos que se aproximam dos restos descartados, assumindo uma cor semelhante à das pedras na proximidade. E procede também assim quando está assustado¹¹⁵.
51. [56] Vê também o náutilo, que faz algo extraordinário, pois possui uma concha que vira para baixo ao ascender, para que possa ser impulsado mais facilmente quando está vazia. Quando está em cima, inverte a concha. Entre os seus tentáculos, possui uma membrana contínua, que utiliza como se fosse uma vela, e os tentáculos servem como lemes¹¹⁶.
52. [57] [Aristóteles refere que] quando as abelhas são expostas ao fumo e ficam afetadas, consomem então mais <mel>. Porém, durante o restante tempo, poupam-no, guardando-o como alimento. Untam a colmeia com as secreções das árvores, para se protegerem dos outros animais. Quando as abelhas operárias matam outras abelhas, tentam fazê-lo fora da colmeia. Todavia, se o fizerem dentro, levam os corpos para fora. As chamadas ‘ladras’ causam danos se conseguirem entrar despercebidas. Mas isso raramente acontece, pois elas são vigiadas e são colocados guardas em todos os lugares. Cada uma

¹⁰⁸ Call. F 469 Pf.

¹⁰⁹ Cf. Arist. HA 9.15 (616b 10), 30 (618b 5-8).

¹¹⁰ Arist. HA 9.32 (619a 16-18), 34 (619b 24-26, 620a 2-5).

¹¹¹ Vd. Βάτραχος = ἄλιεύς, *lophius piscatorius*. Cf. Arist. GA749a23.

¹¹² Cf. Arist. HA 9.27 (620b 13-17).

¹¹³ Cf. Arist. HA 9.37 (620 b 19-23); Thphr. fr. 178 Wimmer.

¹¹⁴ Cf. Arist. HA 9.37 (621a 12-15).

¹¹⁵ Cf. Arist. HA 9.37 (622 a 5-10).

¹¹⁶ Cf. Arist. HA 9.37 (622 b 5).

tem uma função específica: algumas recolhem néctar, outras constroem os favos. Elas incomodam-se tanto pelo mau cheiro de comida como pelo perfume. E afastam-se alguma distância da colmeia para eliminar os excrementos. As mais velhas trabalham no interior da colmeia. <...> Diz-se que, se uma vespa for agarrada pelas patas e deixada a zumbir com as asas, aquelas que não têm ferrão se aproxima, mas nenhuma das que tem ferrão o faz¹¹⁷.

53. [58] Diz¹¹⁸ que se encontra o bisonte na Peónia, do monte Marsano, sem tem dentes superiores, parecido com um boi ou outro animal de dois chifres, e, noutros aspetos, semelhante a um touro. Sempre que fica assustado, projeta os seus excrementos a uma grande distância e as fezes que produziu em estado de pânico queimam de tal forma, que o pelo dos cães cai. Mas, se o fizer sem medo, não sofre nem se magoa.

54. [58] <...> Se [um elefante macho] acasala com uma fêmea e a engravida, não volta a tocar nela¹¹⁹.

[59] Menciona¹²⁰ que o rei dos Citas possuía uma égua nobre. Levaram-lhe um potro nascido dela para acasalar com ela, mas ele não quis. Quando colocaram uma cobertura sobre a égua e depois lha levaram, o cavalo acasalou. Porém, quando ela foi descoberta e ele viu o seu rosto, fugiu e lançou-se dos penhascos.

55. [60] [Aristóteles refere que] entre os seres marinhos, o mais dócil é o golfinho, que também tem um comportamento carinhoso para com as crianças, conforme se vê em Tarento, Cária e em muitos outros lugares. Na Cária, quando um golfinho foi capturado e ferido com muitas mazelas, acorreram muitos golfinhos para auxiliá-lo, até que o pescador foi forçado a libertá-lo¹²¹.

56. [61] [Aristóteles refere que], relativamente à reprodução dos lobos, discorre de uma maneira totalmente mítica¹²², embora pareça estar ciente do que diz. Afirma que todos os lobos dão à luz em doze dias do ano, e a razão para isso, segundo a tradição, é que durante doze dias eles acompanharam Leto, metamorfoseada em lobo, dos Hiperbóreos até Delos.

57. [62] [Aristóteles refere que] a coruja e a gralha são inimigos: enquanto o corvo [rouba os ovos] da coruja durante o dia, porque a coruja não consegue ver, a coruja [rouba os do corvo] à noite, pois o corvo não pode ver. Por isso, enquanto uma domina durante a noite, a outra fá-lo durante o dia¹²³.

58. [63] [Aristóteles refere que] o burro e o milheiro também são inimigos. Sempre que o burro passa perto e se esfrega nos espinhos, por causa disso, ou quando zurra, faz com que os ovos do milheiro caiam e os filhotes caiam de medo. Devido a este dano, o milheiro ataca as feridas do burro, voando sobre ele¹²⁴.

¹¹⁷ Cf. Arist. *HA* 9.40 (633 b-627b passim).

¹¹⁸ Cf. Arist. *HA* 9.45 (630a 19-24, 630b 2-4), *Mir.* 1.

¹¹⁹ Cf. Arist. *HA* 9.46 (630b 22).

¹²⁰ Cf. Arist. *HA* 9.47 (631a 1-8).

¹²¹ Cf. Arist. *HA* 9.48 (631a 9-14).

¹²² Cf. Arist. *HA* 6.35 (580a 8-19).

¹²³ Cf. Arist. *HA* 9.1 (609a 8-12).

¹²⁴ Cf. Arist. *HA* 9.1 (609a 31-35).

59. [64] [Aristóteles refere que] o milhafre é inimigo da raposa; mas o corvo e a raposa são amigos. O corvo também faz frente ao milhafre. E por isso, quando a raposa é atacada, o corvo ajuda-a¹²⁵.
60. [65] [Aristóteles refere que] os pastores comentam que, assim que o sol se põe, as cabras, ao vê-lo, se deitam¹²⁶. [66] Lico¹²⁷ relata algo semelhante a isto. Menciona que, na Líbia, durante o dia, as cabras dormem em posições opostas ao sol, enquanto à noite, quando o sol está a erguer-se, se voltam para o astro. Esse é um testemunho da orientação dos animais de lá. No entanto, Aristóteles, além dos estudos sobre a vida dos animais e outros temas semelhantes, tem dedicado grande atenção à maioria deles e, como se fosse uma investigação minuciosa e aprofundada, e não apenas um passatempo, De facto, redigiu cerca de setenta escritos sobre essas questões, esforçando-se para tratar cada assunto de forma mais explicativa do que meramente descritiva. Quanto à minha seleção, procurei salientar os aspetos singulares e surpreendentes que foram previamente abordados por ele nos seus escritos sobre esses e outros temas.
61. [67] Afirma¹²⁸ que todos os animais terrestres que possuem pulmões respiram, mas as vespas e as abelhas não respiram.
62. [68] [Aristóteles refere que] os animais que têm bexiga, todos possuem também barriga, mas entre aqueles com barriga nem todos detêm bexiga¹²⁹.
63. [69] [Aristóteles refere que] muitos animais são exangues, especialmente aqueles que têm mais de quatro patas¹³⁰.
64. [70] [Aristóteles refere que] todos os seres que têm pelo dão à luz crias vivas. Porém, o inverso não é verdade¹³¹.
65. [71] [Aristóteles refere que] todos os seres podem mover a mandíbula inferior, exceto o crocodilo do rio, que só consegue mexer a mandíbula superior¹³².
66. [72] [Aristóteles refere que] na Ilíria e na Peónia existe um <porco> de um só casco. E que não se encontra nenhum animal com um só casco e com dois chifres, mas existem animais com um chifre e um só casco, como o asno indiano (este também possui o osso do tornozelo característico dos animais de um só casco)¹³³.
67. [73] [Aristóteles refere que] os genitais da doninha são ósseos¹³⁴.
68. [74] [Aristóteles refere que] o macho tem mais dentes do que a fêmea, tanto nos humanos como nos outros animais¹³⁵.

¹²⁵ Cf. Arist. *HA* 9.1 (609 30-34).

¹²⁶ Cf. Arist. *HA* 9.3 (611a 4-6).

¹²⁷ Cf. Lycus fr. 13 J.

¹²⁸ Cf. Arist. *HA* 1.1 (478a 28-32).

¹²⁹ Cf. Arist. *HA* 1.1 (489a 5-7), *PA* 3.8 (671a 8-16).

¹³⁰ Cf. Arist. *HA* 1.4 (489a 32-34), 1.5 (490a 33), *Mir.* 2.

¹³¹ Cf. Arist. *HA* 1.5 (489a 35b 1), 1.6 (490b 25-27), *GA* 5.3 (781b 32).

¹³² Cf. Hdt 2.68; Arist. *HA* 1.11 (492b 23), *PA* 4.11 (691b 5).

¹³³ Cf. Arist. *HA* 2.1 (499b 12, 18-21), *Mir.* 68.

¹³⁴ Cf. Arist. *HA* 2.1 (500b 24).

¹³⁵ Cf. Arist. *HA* 2.3 (501b 20).

69. [75] [Aristóteles refere que] o coração dos cavalos é um osso, assim como o de alguns bovinos¹³⁶.
70. [76] [Aristóteles refere que], dos cervos, os chamados *achaīnai*¹³⁷ parecem ter a bÍlis na cauda.
71. [77] [Aristóteles refere que] os peixes não têm estômago e, por isso, quando os grandes perseguem os menores, o seu ventre se projeta para a boca¹³⁸.
72. [78] [Aristóteles refere que] as cobras possuem trinta costelas. E caso alguém perfure os seus olhos, eles crescem novamente, assim como os da andorinha¹³⁹.
73. [79] [Aristóteles refere que], entre os peixes, o peixe-galo¹⁴⁰ é o único que rumina.
74. [80] [Aristóteles refere que] os ossos do leão são tão duros que, quando são golpeados, frequentemente, se acende uma faísca¹⁴¹.
75. [81] [Aristóteles refere que], na FrÍgia, existem bois que movem os chifres¹⁴².
76. [82] [Aristóteles refere que] os animais que têm pelos são todos vivÍparos, enquanto aqueles que dispõem de escamas são todos ovÍparos¹⁴³.
77. [83] [Aristóteles refere que], com algumas pessoas, quando estão doentes, o cabelo fica grisalho, mas quando ficam saudáveis torna a crescer preto¹⁴⁴.
78. [84] [Aristóteles refere que], em CalcÍdica, na Trácia, o rio conhecido como Frigido¹⁴⁵ faz com que as ovelhas que bebem dele gerem filhotes negros. E em Andânia há dois rios, dos quais um faz com que os filhotes sejam brancos e o outro, negros. Acredita-se também que o Escamandro torna os filhotes louros, razão pela qual o Poeta se refere a ele como Xanto¹⁴⁶ em vez de Escamandro. E na Eubeia, perto da Itália, na fronteira com Cálcis, há dois rios, Céron e Neleu dos quais, se as mulheres grávidas beberem, se for do rio Céron, terão filhos negros, e se for do rio Neleu, darão à luz crianças brancas¹⁴⁷.
79. [85] Afirma¹⁴⁸ que as formigas, quando são polvilhadas com orégão e enxofre, abandonam o formigueiro.
80. [86] [Aristóteles refere que] a enguia não é nem macho nem fêmea¹⁴⁹.
81. [87] [Aristóteles refere que], com as perdizes, se as fêmeas se ficarem de frente para o vento vindo dos machos, ficam prenhas¹⁵⁰.

¹³⁶ Cf. Arist. *HA* 2.15 (506a 9), *PA* 3.4 (666b 19-21), *GA* 5.7.

¹³⁷ Cf. Arist. *HA* 2.15 (506a 23).

¹³⁸ Cf. Arist. *HA* 2.17 (507a 27-30), *PA* 3.14 (675a 9).

¹³⁹ Cf. Arist. *HA* 2.17 (508b 3-7), *GA* 4.6 (774b 31).

¹⁴⁰ Σκάρος, *scarus cretensis*. Cf. Arist. *HA* 2.17 (508b 11), *PA* 3.14 (675a 4).

¹⁴¹ Cf. Arist. *HA* 3.7 (516b 10-12), *PA* 2.9 (655a 14-16).

¹⁴² Cf. Arist. *HA* 3.9 (517a 28).

¹⁴³ Cf. Arist. *HA* 3.10 (517b 4).

¹⁴⁴ Cf. Arist. *HA* 3.11 (518a 14), *GA* 5.4 (784a 25-27).

¹⁴⁵ Ψυχρός] Χαλκιδικός Westermann.

¹⁴⁶ Distingue *Il.* 20.74 o rio Escamandro como designação atribuída pelos homens à mesma corrente fluvial da Ásia Menor e deus-rio, na tradição mitológica, Xanto: Ξάνθος (ξανθός, ‘amarelo, louro’, e.g. *Il.* 21.1-3).

¹⁴⁷ Cf. Arist. *HA* 3.122 (519a 12-19), *Mir.* 170; Call. fr. 47.

¹⁴⁸ Cf. Arist. *HA* 4.8 (534b 21-23).

¹⁴⁹ Cf. Arist. *HA* 4.11 (538a 3), 6.30 (608a 5-7), *GA* 2.5 (741a 37 - 741b 1).

¹⁵⁰ Cf. *Il.* 16.150, 20.222; Arist. *HA* 5.5 (541a 27), 6.2 (560b 13), 6.18.4; *GA* 3.1 (749a 34 - 749b 1, 749b 12).

82. [88] [Aristóteles refere que] a chamada ‘estrela-do-mar’ é tão quente, que qualquer peixe que ela apanhe fica imediatamente cozido¹⁵¹.
83. [89] [Aristóteles refere que] a esponja tem sensibilidade, pois, caso pressenta que vai ser arrancada, contrai-se e torna-se difícil de arrancar. O mesmo acontece se houver vento ou ondas¹⁵².
84. [90] [Aristóteles refere que] há criaturas no gelo, semelhantes a vermes e cobertas de pelos. E em Chipre, onde o minério de cobre é fundido, se forma uma criatura um pouco maior do que uma mosca. O mesmo fenómeno ocorre nos fornos de Carístios. Algumas dessas criaturas morrem quando são separadas do gelo; outras do fogo¹⁵³.
- [91] [Aristóteles refere que], por outro lado, a salamandra, apaga o fogo¹⁵⁴.
85. [92] Declara¹⁵⁵ que, no rio Hipanis, no Bósforo Cimeriano, durante o verão, até o solstício, surgem estruturas semelhantes a casulos, maiores do que uvas. Quando se rompem, aparece um ser alado de quatro patas, que vive apenas um dia. É, além disso, notável que este animal seja um quadrúpede alado.
86. [93] [Aristóteles refere que] as colmeias são destruídas se não houver líderes ou, pelo contrário, se existirem muitos¹⁵⁶.
87. [94] [Aristóteles refere que] os escorpiões terrestres são mortos pelos seus próprios filhotes. E que as aranhas-venenosas também matam a mãe e frequentemente o pai, pois incubam os ovos em conjunto¹⁵⁷.
88. [95] [Aristóteles refere que], no corpo dos seres humanos, se forma algo semelhante a pequenos íons¹⁵⁸. Se alguém os perfurar, saem piolhos; e caso se deixe, causam uma doença semelhante àquela descrita pelo lírico Alcman¹⁵⁹, e Ferécides da Síria¹⁶⁰.
89. [96] [Aristóteles refere que] existe também o facto peculiar de que, quando a medula óssea de alguns cadáveres se decompõe, surjam pequenas serpentes a partir da coluna vertebral, caso tenham inalado o cheiro de uma serpente morta antes de falecerem. Deparei-me¹⁶¹ outrossim com um epigrama de Arquelau, que já mencionei anteriormente e que, entre outros prodígios, também menciona isto, dizendo: «Tudo muda com o tempo, que marca todas as coisas no seu curso, | pois, a partir da cavidade espinal do homem, | surge uma terrível serpente, nascida do cadáver em decomposição, | que recebe novo sopro de vida desse prodígio, | extraíndo vida da natureza morta. Se isso é possível, | não é surpreendente que de Cécrops tenha surgido uma criatura

¹⁵¹ Cf. Arist. *HA* 5.15 (548a 7).

¹⁵² Cf. Arist. *HA* 1.1 (487b 9), 5.16 (548b 10-13).

¹⁵³ Cf. Arist. *HA* 5.19 (552b 5 15). *Plant.* 2.3 (824b 41 - 825a 3).

¹⁵⁴ Cf. Arist. *HA* 5.15-17; *Thphr. Ign.* 8.60.

¹⁵⁵ Cf. Arist. *HA* 5.19 (552b 17-21). Vd. 382a 7, 330 b 29, 628a 27, 737a 1).

¹⁵⁶ Cf. Arist. *HA* 5.22 (553b 16-19), 9.40 (624a 30).

¹⁵⁷ Cf. Arist. *HA* 5.26 (555a 25), 5.27 (555b 13-15).

¹⁵⁸ Cf. Arist. *HA* 5.31 (556b 28 - 557a 3).

¹⁵⁹ Cf. 471 φυσικῶν] P Físico e filósofo de Crotona (séc. VI a.C.), reconhecido pelo estudo do corpo humano e, em particular, pela prática de dissecação e autópsia.

¹⁶⁰ Filósofo pré-socrático (séc. VI a.C.).

¹⁶¹ Plural majestático, no original grego.

- dupla.»¹⁶². Portanto, baseio a minha afirmação tanto na tradição oral como no testemunho deste epigrama.
90. [97] Aristóteles afirma¹⁶³ que se gera na cera um ser vivo, que parece ser o menor de todos e se denomina ‘ácara’.
91. [98] [Aristóteles refere que] o crocodilo do rio¹⁶⁴ atinge um tamanho muito grande a partir de tamanho muito pequeno: com efeito, o ovo não se torna maior que o de um ganso, mas o próprio animal cresce até alcançar dezassete pés¹⁶⁵.
92. [99] No tocante aos lagostins, [Aristóteles refere que] os polvos prevalecem, pois não são prejudicados pelas cascas. E sobre os polvos prevalecem as enguias-congro, uma vez que, devido à sua suavidade, o polvo não consegue agarrá-las. No entanto, sobre o congro, prevalece o lagostim, dado que o congro não escorrega do lagostim, mas é dilacerado pela aspereza das suas cascas¹⁶⁶.
93. [100] [Aristóteles refere que] o mugil, sempre que fica assustado, esconde a cabeça, como se estivesse a ocultar todo o corpo¹⁶⁷.
94. [101] [Aristóteles refere que] todas as aves de rapina são propensas à imitação¹⁶⁸.
95. [102] [Aristóteles refere que] toda a criatura mordida por um cão raivoso se torna raivosa, à exceção do homem¹⁶⁹.
96. [103] [Aristóteles refere que] entre os animais os maiores são machos e os menores, fêmeas¹⁷⁰.
97. [104] [Aristóteles refere que], no Egito, fazem os filhotes escavarem em esterco. [105] E Siracusa, um amante do vinho faz com que se cavem buracos na terra e coloca um recipiente neles, para que se beba continuamente até que os ovos eclodam; depois, estando já em ânforas de barro, eles são esfregados e retirados¹⁷¹.
98. [106] Quanto aos filhotes das andorinhas, [Aristóteles refere que], se alguém os cegar, tornam a ver¹⁷².
99. [107] [Aristóteles refere que] o falcão põe três <ovos, mas apenas choca dois,> e à medida que os filhotes crescem, ele escolhe um deles, pois não é capaz de alimentar ambos porque, durante este período, as suas garras desenvolvem-se e ele não pode caçar

¹⁶² Archel. fr. 129 SH.

¹⁶³ Cf. Arist. HA 5.32 (557b 68). Vd. ἀκαρί: ἀ, ‘ἀ privativo, negação | κείρω, ‘cortar’. Considere-se a divisão de partículas até ao átomo, conforme os princípios atomistas (vd. ἄ-τομος) de filósofos pré-socráticos como os da escola de Abdera, no século V a.C., designadamente Leucipo e Demócrito. Ademais, encontram-se influências do atomismo em filósofos a exemplo de Epicuro (Cf. D.L. 10.52-53, 57, 63); Diógenes de Sinope (e.g. Ep. 21.1-3); Aristóteles (e.g. Ph. Vd. *Minima Naturalia*); Diodoro Crono (cf. D.L. 2.111).

¹⁶⁴ Cf. Arist. HA 5.33 (558a 20-23); Hdt. 2.68.

¹⁶⁵ Πῆχυς, ‘cúbito’ (distância desde a ponta do cotovelo até a ponta do dedo mindinho). Unidade de medida da antiguidade, cujo valor varia consoante a região e o período histórico, correspondente a 2 palmos (σπιθαμαί), 6 larguras de mão (παλαισται) e 24 larguras de dedo (δάκτυλοι).

¹⁶⁶ Cf. Arist. HA 8.2 (590b 15, 18-20).

¹⁶⁷ Cf. Arist. HA 8.2 (591b 4).

¹⁶⁸ Cf. Arist. HA 8.12 (597b 26).

¹⁶⁹ Cf. Arist. HA 8. 22 (604a 6).

¹⁷⁰ Cf. Arist. HA 4.11 (538a 24), 9.1 (608a-b), 10.8 (891b 22).

¹⁷¹ Cf. Arist. HA 6.2 (559b 1-6).

¹⁷² Cf. §72.

nada. O filhote que foi abandonado é alimentado pela fêmea. [108] E, geralmente, as aves de rapina, quando os filhotes conseguem voar mais rapidamente, expulsam-nos do ninho, exceto o corvo; este continua a alimentá-los por algum tempo mesmo depois de começarem a voar¹⁷³.

100. [109] [Aristóteles refere que] ninguém nunca viu os filhotes do cuco, pois ele não põe os ovos no seu próprio ninho, mas voa para os ninhos de outras aves, sejam pardais ou passarinhos menores), depois de consumirem os ovos que lá se encontram¹⁷⁴.

101. [110] [Aristóteles refere que] as perdizes constroem <dois> compartimentos no ninho para os ovos, os incubam e alimentam em cada um deles. Quando os filhotes saem pela primeira vez, acasalam com eles¹⁷⁵.

102. [110] [Aristóteles refere que] os javalis lutam entre si, protegendo-se com a própria pele, tornando-a áspera ao esfregá-la contra árvores, sujando-se de lama e depois secando-se. E que alguns registam (como se ele próprio não se tivesse experiência disso) que caso um porco perca um dos olhos, morre rapidamente¹⁷⁶.

103. [111] [Aristóteles refere que] as cabras e as ovelhas tendem maioritariamente a gerar machos, se copularem com vento norte, e fêmeas, no caso de vento sul. A prole é branca, se as veias sob a língua do carneiro forem brancas; mas negra, se as veias forem negras. O mesmo se aplica aos ruivos. Aquelas que bebem água salgada acasalam primeiro¹⁷⁷.

104. [112] [Aristóteles refere que] os cães lacônios copulam melhor quando estão cansados¹⁷⁸.

105. [113] [Aristóteles refere que] a procriação dos ratos é surpreendente pela sua rapidez. Já aconteceu que uma fêmea grávida, deixada num recipiente, deu à luz cento e vinte ratos num curto espaço de tempo. Em alguns lugares da Pérsia, ao dissecarem-se fêmeas de ratos, encontraram embriões já em gestação¹⁷⁹.

106. [114] Assegura¹⁸⁰ que o sangue do milheiro e do pintassilgo dificilmente se mistura.

107. [115] [Aristóteles refere que], quando uma cabra toca na ponta da barbicha (que é semelhante ao pelo), as outras ficam inertes, como se estivessem atônitas, a observá-la¹⁸¹.

108. [116] [Aristóteles refere que] o órgão genital da marta de peito amarelo é ósseo e parece ser um remédio para a estrangúria¹⁸².

¹⁷³ Cf. Arist. HA 6.6 (563a 16-27, 563b 7-12).

¹⁷⁴ Vd. ave de pequenas dimensões: ὑπολαίς. Cf. Arist. HA 6.7 (563b 29-32), 9.20 (618a 8-10); Mir. 3.

¹⁷⁵ Cf. Arist. HA 6.8 (564a 21-24).

¹⁷⁶ Cf. Arist. HA 6.18 (571b 15-19, 573b 14).

¹⁷⁷ Cf. Arist. HA 6.19 (574a 1, 5-10); GA 4.2 (766b 34).

¹⁷⁸ Cf. Arist. HA 6.20 (574b 30).

¹⁷⁹ Cf. Arist. HA 6.37 (580b 10-14, 29-31).

¹⁸⁰ Cf. Arist. HA 9.1 (610a 7).

¹⁸¹ Cf. ἥρυγγος, Arist. HA 9.3 (610b 29-31); Thphr. fr. 175. 9 Wimmer.

¹⁸² Cf. Arist. HA 2.1 (500b 24), 9. 6 (612b 15); Mir. 12.

109. [117] [Aristóteles refere que] não há nenhum eunuco calvo. [118] Nos castrados na infância, não se processa um segundo crescimento de pelo; enquanto nos castrados posteriormente só caem na puberdade¹⁸³.
110. [119] [Aristóteles refere que] uma mulher pode dar à luz até cinco filhos. Ainda assim, E deve-se lembrar-se um caso de uma mulher que teve vinte partos e a maioria dos filhos foram criados. Se uma mulher grávida usar sal em excesso, os filhos nascem sem unhas¹⁸⁴.
111. [120] [Aristóteles refere que] existem tanto homens como mulheres que têm descendência feminina e masculina, como se refere a respeito de Hércules: entre os setenta e dois filhos, gerou apenas uma filha¹⁸⁵.
112. [121] [Aristóteles refere que] há alguns que nascem de pais coxos e cegos, igualmente coxos e cegos; e já houve alguns que nasceram com marcas herdadas¹⁸⁶.
[122] [Aristóteles refere que], em Élide, uma mulher que cometeu adultério com um etíope teve uma filha branca, mas o filho gerado dessa filha nasceu etíope¹⁸⁷.
113. [123] [Aristóteles refere que] as crianças até aos quarenta dias não riem nem choram quando estão acordadas, mas enquanto dormem fazem ambas as coisas¹⁸⁸.
114. [124] [Aristóteles refere que] certas características fisiognómicas¹⁸⁹: que, segundo acontece na maior parte dos casos, aqueles que têm uma testa grande tendem a ser mais lentos, ao passo que aqueles com testa pequena são mais ágeis, e aqueles que têm testa larga são extáticos. [125] Que as sobrancelhas retas indicam um caráter suave; as arqueadas em direção ao nariz, uma natureza severa; e as arqueadas em direção às têmporas, uma pessoa sarcástica e irônica. [126] Que comissuras oculares carnudos sugerem malícia; orelhas medianas, um caráter excelente, mas as grandes e salientes, tolice e tagarelice.
115. [127] Assevera¹⁹⁰ que, entre os animais fêmeas, o cavalo é o mais inclinado para o acasalamento e em um comportamento sexual¹⁹¹ muito forte, de forma que o seu comportamento foi transferido para o insulto e as mulheres são assim ridicularizadas pela sua libido. Parece também que Ésquilo, historicamente, mencionou algo semelhante em relação às virgens em *As Mulheres Arqueiras*: «Quando se canta para as donzelas castas nos leitos | nupciais, não deve haver desprezo nos olhares»¹⁹². E tendo-se afastado, acrescentou: «não me escapará | o olhar que já experimentou o sabor da masculinidade, | pois tenho o espírito de um juiz equestre¹⁹³ para notar isso»¹⁹⁴. De

¹⁸³ Cf. Arist. HA 3.11 (518a 30-32), 9.50 (631b 31 - 632a 5); GA 5.3 (784a 6-9).

¹⁸⁴ Cf. Arist. HA 7.4 (584b 33, 35, 585a 28).

¹⁸⁵ Cf. Arist. HA 7.6 (585b 22-25).

¹⁸⁶ Cf. Arist. HA 7.6 (585b 31-34).

¹⁸⁷ Cf. Arist. HA 7.6 (586a 3-5); GA 1.18 (722a 8-11).

¹⁸⁸ Cf. Arist. HA 7.10 (587b 6-8); GA 5.11 (779a 11).

¹⁸⁹ Cf. Arist. HA 1.8 (491b 12-14), 1.9 (491b 15-17, 22-26). 1.11 (492b 1-3); Phgn. 6.

¹⁹⁰ Cf. Arist. HA 6.18 (572a 9-13); GA 4.5 (773b 29).

¹⁹¹ Cf. ἵππομανέω, 'ficar descontroladamente atraído pelo cavalo'.

¹⁹² A. fr. 133 (242) Smyth.

¹⁹³ Entenda-se 'espírito aguçado'. Cf. ἵππογνώμονα.

¹⁹⁴ A. fr. 134 (243) Smyth.

muitos assuntos a respeito dos quais Aristóteles escreveu, consegui presentemente destacar alguns e recordar outros.

116. [128] <...> O historiador diz¹⁹⁵ que Arsames, o persa¹⁹⁶, tinha dentes desde o nascimento.
117. [129] Mirsilo de Lesbos¹⁹⁷ denota que os Lócrios obtiveram o apelido de ‘Ozólicos’ porque <a água> da sua região exala um odor – especialmente a do monte chamado Táfió. E que flui desse lugar para o mar como se fosse pus. E que o centauro Nesso, que Héracles matou, está enterrado nessa montanha.
118. [130] Além disso, que as Lémnias ficaram malcheirosas¹⁹⁸ após a chegada de Medeia com Jasão e o uso de feitiçarias na ilha. Durante um certo período, especialmente nos dias em que se diz que Medeia chegou, elas tornavam-se tão fétidas, que ninguém se aproximava.
119. [131] Por seu turno, Teopompo, o historiador, diz que o chamado acónito¹⁹⁹ se encontra na região de Heracleia, no Ponto, nas chamadas Acónias, de onde também vem o nome. Embora seja claramente eficaz, não tem efeito caso se beba ruta no mesmo dia. Assim, Agatarco, o tirano, matou muitos com veneno e tentou escapar de ser descoberto. Uma vez que a situação se tornou evidente, a maioria dos habitantes de Heracleia não saiu antes de ter ingerido ruta. Ele também descreve a causa e a origem de como a substância foi vista a uma grande distância, razão pela qual omiti²⁰⁰ isso.
120. [132] O autor dos Anais dos Samienses²⁰¹, sobre os primeiros que dizem serem discípulos de Heróstrato, relata que apareceu uma andorinha branca.
121. [133] Hípis de Régio²⁰² [, ao escrever sobre os chamados lugares que destroem o que neles cai,] relata algo desse tipo. Afirma que [, em Atenas, durante o governo do rei Epéneto, na 36ª Olimpíada²⁰³, em que Arítamas, o Lacónio, venceu a corrida do estádio,] foi construído um lugar, em Pálicos, na Sicília, onde qualquer pessoa que entrasse morreria caso se deitasse; mas não sofreria nada se caminhasse por ali.
122. [134] Também está registado, acerca da ilha de Leuce²⁰⁴, que nenhuma das aves é capaz de sobrevoar o templo de Aquiles.

¹⁹⁵ Ctes. fr. 72 J. Cf. Arist. GA 2.6 (745a 9-13).

¹⁹⁶ Sátrapa do Egito. Recordam-se vários elementos aqueménidas com o mesmo nome, designadamente, avô de Dario I (cf. Hdt. 1.209); filho de Dario I, comandante das forças árabes e etíopes do exército de Xerxes, no decurso da invasão grega (cf. Hdt. 7.69), porventura sátrapa do Egito (cf. A. Pers. 36-37).

¹⁹⁷ Myrsil. F 4 Giannini.

¹⁹⁸ Vd. Myrs. F 5 Giannini. Cf. Jackson 1990, pp. 77–83.

¹⁹⁹ *Aconitum Anthor*. Vd. Theopomp. F 8; Euph. Fr. 35 Scheidw.

²⁰⁰ No original grego, plural majestático.

²⁰¹ Σαμακοὶ Ὀροι, de Alexis (séc. IV a.C.). Cf. Arist. HA 3.12 (519a 3-6).

²⁰² Hipis fr.3 J.

²⁰³ Ano de 636 a.C.

²⁰⁴ Ilha de Leuce/Ilha Branca, Mar Negro.

123. [135] E em muitos lugares parece haver uma espécie de abismos conhecidos como ‘fossa’²⁰⁵ e ‘Carónios’²⁰⁶, como a fossa designada Címbro, situada na Frígia, conforme afirma Eudoxo²⁰⁷, e a caverna em Latmo.
124. [136] Eis também aquilo que cresce e diminui juntamente com a lua, como os fígados dos ratos. Diz-se que eles também se completam, minguam e crescem com o mês lunar, razão pela qual são mencionadas em provérbios como exemplos de assombros²⁰⁸ os «fígados dos ratos».
- [137] E os ovos dos ouriços-do-mar sofrem o mesmo²⁰⁹. Além disso, é peculiar que todos eles tenham cinco partes iguais e equidistantes entre si, ao longo da circunferência da concha <...>, de modo que os segmentos que se estendem do centro até a borda sejam iguais.
125. [138] Refere-se²¹⁰ igualmente, a propósito do estreito da Itália, que diminui e enche conforme o minguante e o crescente da lua.
126. [139] Helânico de Lesbos conta²¹¹ que, na cidade de Tebas no Egito, existe uma caverna onde apenas durante o trigésimo dia do mês o tempo está calmo, e nos outros dias é ventoso. [140] Parece haver²¹² algo inexplorado e difícil de observar, como no caso do Euripo, que não flui nos sétimos dias, e as formigas descansarem durante os períodos de lua nova.
127. [141] Os habitantes de Delfos dizem que, no Parnaso²¹³, o Corício aparece dourado em certos momentos. Por isso, ninguém poderia afirmar que Filoxeno está a falar figurativamente quando diz: «pois eles próprios [passaram] através do Parnaso, | pelos tálamos dourados das ninfas»²¹⁴.
128. [142] Diz-se²¹⁵ que entre os Filos, as ovelhas bebem a cada quatro dias.
- [143] E que algo mais prodigioso acontece em Jacinto: quando os ventos etésios sopram, as cabras ficam com a boca aberta em direção ao vento norte e, ao fazerem isso, não necessitam de água, nem bebem.
129. [144] O cirenaico Calímaco também compôs uma seleção de maravilhas, da qual registei²¹⁶ aquelas que me pareceram dignas de ouvir. Ele menciona que Eudoxo conta que, no Mar de Trácia, ao longo de uma montanha sagrada, surge asfalto em certos

²⁰⁵ Βάραθρον.

²⁰⁶ Χαρόνιος, ‘pertencentes a Caronte’.

²⁰⁷ Eudox. fr. 45 Br.

²⁰⁸ Archel. F 3 Giannini.

²⁰⁹ Cf. Arist. *HA* 5.12 (544a 18-20); Arche. F 8.

²¹⁰ Cf. Arist. *Mir.* 55.

²¹¹ Αἰγυπτία. Hellenic. fr. 174 J.; Call. F 30 Giannini.

²¹² Cf. Arist. *Mete.* 2.88 (356a 22).

²¹³ Monte Parnaso, na Grécia Central, perto da cidade de Delfos. Caverna de Corício, no Monte Parnaso, acima do santuário de Delfos – local de culto a Pan e às Ninfas.

²¹⁴ Philox. fr. 16 Page.

²¹⁵ Cf. Arist. *Mir.* 9.

²¹⁶ No original grego, plural majestático.

períodos, e que no mar abaixo das Quelidónias há uma vasta área com fontes de água doce²¹⁷.

130. [145] [Segundo Calímaco²¹⁸,] Teofrasto menciona que, nas Ilhas de Éolo, a água ferve de tal forma, por uma extensão de dois *plethra*²¹⁹, que não é possível entrar nela devido ao calor.
131. [146] [Calímaco²²⁰ refere que], na área próxima a Demoneso, os nadadores de Calcedónia traziam até duas *orgyiai*²²¹ de cobre, a partir do qual foram feitas as estátuas dedicadas por Héracles em Feneu²²².
132. [147] Também que Megástenes, que escreveu *Indica*, relatou que na Índia crescem árvores no mar²²³.
133. [148] Além disso, que Lico, a propósito de rios e fontes, afirma que o Câmico, que corre à beira-mar, é quente, enquanto o Cápio e o Crimiso têm águas que, à superfície, são frias, mas no fundo são quentes; e que no Himera, de uma única fonte brota um curso das águas salgado e o outro é potável²²⁴.
134. [149] Ademais, que Timeu, a propósito dos rios na Itália, afirma que o Crátis torna o cabelo amarelo²²⁵.
135. [150] Outrossim, que Polícrito registou que o Líparis em Solos não está mal nomeado, mas é de tal maneira oleoso, que não é necessário usar unguento. E que o Muabis, em Panfília, se transforma em pedra quando se lhe coloca uma almofada ou um tijolo²²⁶.
136. [151] Que na região dos Trácios Ágrios há um rio chamado Ponto, que arrasta consigo pedras semelhantes ao carvão. Estas pedras queimam, mas comportam-se de maneira totalmente oposta às brasas de madeira, pois ao serem aticadas pelo fole, apagam-se, mas ao serem aspergidas com água, ardem melhor. Além disso, o seu cheiro é insuportável para qualquer criatura²²⁷.
137. [152] E que Teopompo narra estes factos: que a fonte em Lusos, assim como a dos Lampsacenos, possui em si um rato semelhante aos domésticos²²⁸.
138. [153] Também que Eudoxo relata que a [fonte] em Halo Ofiússa cura a lepra branca²²⁹.

²¹⁷ Vd. Eudox. fr. 46 Br.

²¹⁸ = Call. F 18 Giannini. Cf. Theophr. fr. 164 Wimmer; Ar., *Mu.* 4 (395b 18-22).

²¹⁹ Πλῆθρον: unidade de medida (c. 100 pés = c. 30 m).

²²⁰ = Call. F 13 Giannini.

²²¹ Vd. ὄργυια, unidade de medida correspondente à largura de braços estendidos (c. 1 braça = c. 180 cm). Cf. Hdt. 2.149, alegando a correspondência de 100 ὀργυιαί a 1 *stadium*.

²²² Cf. dedicatória inscrita nas estátuas, pela captura de Élis, Arist. *Mir.* 58.

²²³ = Call. F 31 Giannini. Cf. Megasth. fr. 25 J.; Arist. *Mir.* 169; *Mu.* 4 (396a 23); Theophr. *HP* 4.7.3, *CP* 2.5.2.

²²⁴ = Call. F 19 Giannini. Cf. Lyc. fr. 8 J.

²²⁵ = Call. F 20 Giannini. Cf. Tim. fr. 46 J. Vd. E. *Tr.* 220; Theophr. fr. 162 Wimmer; Arist. *Mir.* 169; Agathocl. F 3 Giannini; Nymphod. F 4 Giannini.

²²⁶ = Call. F 32 Giannini. Cf. Polycrit. fr. 4, 11 J.

²²⁷ = Callim. F 14 Giannini. Cf. Theopomp. F 9 Giannini; Arist. *Mir.* 115.

²²⁸ = Call. F 8 Giannini. Cf. Theopomp. fr. 10 Giannini. Cf. Arist. *Mir.* 125.

²²⁹ = Call. F 1 Giannini. Cf. Eudox. fr. 47 Br.

139. [154] Refere que Lico de Régio relata que a fonte na região dos Sicanos produz vinagre, que é utilizado na comida. E que a fonte em Mitístrato flui como se fosse azeite que é usado para acender lamparinas e também para tratar úlceras e sarna, sendo conhecido como Mitistrácio. Nas proximidades, há uma fonte que, desde o Arcturo o até à Plêiade, que expela água que não é pior do que qualquer outra fonte; mas desde a Plêiade até Arcturo, durante o dia, emite vapor e aquece, enquanto à noite está cheia de chamas²³⁰.
140. [155] Que a fonte Aretusa, em Siracusa, conforme Píndaro²³¹ e outros relatam, tem a sua nascente no Alfeu, , que corre por Élis. Por causa disso, quando lavam as vísceras das vítimas sacrificiais no rio durante os Jogos Olímpicos, a fonte na Sicília não está pura, mas flui com estrume. Também se diz que uma vez uma taça foi atirada no Alfeu e apareceu nela [fonte de Aretusa]. Isto também é confirmado por Timeu²³².
141. [156] Refere que Teopompo²³³ escreve que, entre os Trácios, em Cincrópsis, quem beber da fonte morre imediatamente.
142. [157] Também que em Escotussa há uma fonte singular que não só cura feridas em humanos, mas também pode curar o gado. E caso se lance madeira rachada ou desfeita em pedaços na água, ela se mistura com ela²³⁴.
143. [158] Na fonte em Caónia, quando a água é fervida, obtém-se sal²³⁵.
144. [159] Aristóteles²³⁶, sobre as fontes em Hamon, diz que aquela conhecida como do Sol²³⁷ se torna quente à meia-noite e ao meio-dia, embora seja como gelo ao amanhecer ou ao anoitecer. A outra fonte, solidifica-se quando o Sol está a erguer-se, mas permanece líquida quando o sol está a pôr-se.
145. [160] E que Ctésias²³⁸ afirma que a fonte na Etiópia tem água vermelha, como o cinábrio, e que aqueles que bebem dela ficam loucos. Isto também é relatado por Fílon, que escreveu *Etiópicas*.
146. [161] Também que a fonte Sila, nos territórios indianos, não permite sequer que o objeto mais leve que nela for lançado consiga flutuar, mas arrasta tudo para baixo. Vários autores falaram acerca disso e sobre várias águas²³⁹.
147. [162] Que Eudoxo²⁴⁰ relata que a fonte em Calcedónia tem pequenos crocodilos, semelhantes aos do Egito²⁴¹.
148. [163] Além disso, que nas proximidades de Atamânia há um santuário das ninfas, onde a fonte possui uma água extraordinariamente fria, mas qualquer coisa mergulhada

²³⁰ = Call. F 21 Giannini. Cf. Lyc. fr. 9 J. Vd. Arist. *Mir.* 113; Theophr. fr. 159 Wimmer.

²³¹ = Call. F 22 Giannini. Cf. Pi. N. 1.1. Cf. Ibyc. fr. 21 D.; Lyc. fr. 9 J.

²³² Tim. fr. 41 J. (= 127 Goell.).

²³³ Theopomp. fr. 288 Wickers. Cf. Arist. *Mir.* 121. = Call. F 5 Giannini.

²³⁴ = Call. F 2 Giannini. Vd. Theopomp. fr. 84 Wickers. Cf. Arist. *Mir.* 117.

²³⁵ = Call. F 3 Giannini. Cf. Arist. *Mete.* 2.3 (359a 25).

²³⁶ Arist. fr. 531 R. Cf. Hdt. 4.181. = Call. F 28 Giannini.

²³⁷ Hélios.

²³⁸ Ctes. fr. 11a J. = Call. F 29 Giannini.

²³⁹ Ctes. fr. 47a J. Vd. Megasth. fr. 4, 10, 11b J. = Call. F 33 Giannini.

²⁴⁰ Vd. Eudox. fr. 48 Br.

²⁴¹ = Call. F 16 Giannini. Cf. Arist. *Mir.* 109.

nela se torna quente; e se alguém colocar um galho seco ou algo semelhante na água, isso arde com chamas²⁴².

149. [164] E que, nos confins da Arábia, na cidade de Leucoteia, Amometo, que escreveu o percurso marítimo desde Mênfis, relata que, se alguém derramar uma taça de vinho na chamada Fonte de Ísis, a bebida fica bem temperada²⁴³.

150. [165] Asserta que Ctésias²⁴⁴, a propósito de lagos, conta que existe um lago na Índia que não submerge o que é lançado nele, tal como os lagos na Sicília e na Média, exceto ouro, ferro e bronze, e que, se algo cai de lado, é expelido na posição vertical. Acredita-se que cura a chamada lepra branca. E que noutro lago flutua óleo à superfície, em dias calmos.

151. [166] Ademais, que Xenófilo [afirma que, na fonte]²⁴⁵ perto de Iopa não só qualquer peso pode flutuar ali, mas também que a cada três anos é possível transportar asfalto húmido; e quando isso ocorre, os objetos de cobre expostos a uma distância de trinta estádios se tornam enferrujados.

152. [167] De igual modo, que Heráclides²⁴⁶ escreve que nenhum pássaro que atravessa o lago nos Sármatas sobrevive, pois, ao aproximarem-se, morrem devido ao cheiro.

De facto, parece que isso também acontece com a Lagoa Aornis, e essa opinião prevalece entre a maioria das pessoas.

[168] No entanto, Timeu²⁴⁷ considera isso falso; porquanto a maioria dos seres vistos ali vive normalmente. Contudo, ele afirma que, devido às áreas arborizadas que o cercam e aos muitos galhos e folhas que, devido aos ventos são partidos ou sacudidos, não é possível ver nada sobre a superfície do lago, mas ele permanece limpo.

153. [169] Outrossim, que Eudoxo²⁴⁸ declara que é extraído betume da lagoa em Jacinto, embora continue a fornecer peixe. E caso se deite qualquer coisa nela, aparece no mar, sendo a distância entre ambos de quatro estádios.

154. [170] Além disso, que Lico²⁴⁹ afirma que crescem árvores no lago em Milas, na Sicília, e que no meio dele brota água que às vezes é fria, e às vezes o oposto.

155. [171] E que Fânias²⁵⁰ afirma que o lago dos Píracos, sempre que seca, arde.

156. [172] Ademais, que no [lago] Ascânio, que é potável, qualquer coisa que seja introduzida é lavada sem qualquer sabão; mas, se permanecer nele por mais tempo, desintegra-se automaticamente²⁵¹.

²⁴² = Call. F 4 Giannini. Cf. Eudox. fr. 91 Br.

²⁴³ = Call. F 34 Giannini.

²⁴⁴ Ctes. fr. 2545, 49 J. = Call. F 35 Giannini.

²⁴⁵ Xenophil. fr. 1 J. = Call. F 36 Giannini.

²⁴⁶ Heraclid. fr. 158 Wehrli. = Call. F 37 Giannini.

²⁴⁷ Tim. fr. 57 J. Cf. Arist. Mir. 102.

²⁴⁸ Eudox. fr. 49 Br. Vd. Hdt. 4.195 = Call. F 9 Giannini.

²⁴⁹ Lyc. fr. 10 J. = Call. F 3 Giannini.

²⁵⁰ Phan. fr. 34 Wehrli. = Call. F 24 Giannini.

²⁵¹ Vd. Arist. Mir. 53; Eudox. fr. 77 Br.; Phan. fr. 35 Wehrli. = Call. F 38 Giannini.

157. [173] Também que Nicágoras²⁵² afirma, a respeito [do lago] em Cítio, que, ao remover um pouco da terra, se encontra sal.
158. [174] E, relativamente às [suas] águas, que Teofrasto afirma²⁵³ a respeito da chamada ‘água Estígia’, que está em Feneu e que goteja de uma rocha. E que aqueles que desejam abastecer-se dela devem segurar esponjas presas a pedaços de madeira. E todos os recipientes, exceto os de cerâmica, devem ser quebrados, pois aquele que a provar morrerá.
159. [175] Para mais, que, no [lago] de Leontino, Lico²⁵⁴ relata que as águas chamadas <Delos> borbulham como se fossem as mais quentes entre os líquidos ferventes, mas as nascentes são frias. Dos seres que se aproximam dessas águas, a classe das aves morre imediatamente, enquanto os humanos morrem após o terceiro dia.
160. [176] E que o mesmo acontece com o *chytrinos*²⁵⁵ em Cós, pois emite vapor e dá a sensação de calor, ao passo que os líquidos que ficam em contato com ele estão extremamente frios²⁵⁶.
161. [177] E que também há um outro riacho em Cós que torna todos os canais por onde passa pedregosos. Tanto Eudoxo²⁵⁷ como Calímaco²⁵⁸ omitiram o facto de que, por essa razão, os habitantes de Cós extraíram pedras dessa água para construir o seu teatro. De facto, qualquer coisa que esteja em contato com essa água transforma-se em pedra.
162. [178] Que Eudoxo²⁵⁹ também fala sobre os poços em Pítópolis, referindo que eles apresentam algo semelhante ao que ocorre com o Nilo: que no verão, se enchem até a borda, enquanto no inverno secam de tal maneira, que não é fácil sequer molhar um objeto neles.
163. [179] Além disso, que existe um riacho em Creta, onde aqueles que se sentam quando há chuva, permanecem secos. Relata-se outrossim entre os Cretenses que foi nesse local que Europa se banhou após sua união com Zeus²⁶⁰.
164. [180] Ademais, que Teopompo²⁶¹ afirma que em Lincestes há uma água ácida, e que aqueles que a bebem se alteram como se estivessem sob o efeito de vinho. Isso é atestado por muitos.
165. [181] E que Ctésias relata que a água que cai da rocha dos Arménios contém peixes negros, que, se consumidos, levam à morte²⁶².
166. [182] De igual forma, que Ctésias²⁶³, a respeito do fogo, menciona que, na região dos Fasilitas, no Monte Quimera, existe o chamado ‘fogo eterno’. E que este, caso se

²⁵² Nicagoras fr. *deest.* = Call. F 39 Giannini.

²⁵³ Theophr. fr. 160. = Call. F 10 Giannini.

²⁵⁴ Lyc. fr. I1 J. = Callim. F 25 Giannini.

²⁵⁵ Χυτρίνος, ‘fundão’.

²⁵⁶ Cf. Eudox. fr. 92 Br. = Call. F 40 Giannini.

²⁵⁷ Eudox. fr. 50 Br.

²⁵⁸ = Call. F 41 Giannini.

²⁵⁹ Eudox. fr. 51 Br. Vd. Arist. *Mir.* 54. = Call. F 42 Giannini.

²⁶⁰ Cf. Eudox. fr. 93 Br.; Theophr. *HP* 1.9,.5. = Callim. F 11 Giannini.

²⁶¹ Theopomp. fr. 229 Wickers. Cf. Arist. *Mete.* 2.3 (359b 17). = Callim. F 5 Giannini.

²⁶² Ctes. fr. 61a J. = Callim. F 43 Giannini.

²⁶³ Vd. Ctes. fr. 45e J.; Arist. *Mir.* 127. = Callim. F 44 Giannini.

lance água sobre ele, arde ainda mais intensamente; mas, se alguém lançar um detrito sobre ele, se apaga

167. [183] Algo semelhante pode observar-se com o sal. Com efeito, um estrangeiro siciliano ofereceu-me²⁶⁴ um exemplo desse tipo, que derretia no fogo e se dissolvia na água²⁶⁵.
168. [184] A propósito das pedras, diz que o mesmo autor²⁶⁶ afirma que, entre os Bótios, na Trácia, se encontra um tipo que, quando o sol incide, exala fogo. Ademais, que lá as pedras são adequadas para uso em braseiros; permanecem intactas, mesmo se alguém tentasse apagá-las novamente, <como> já foi testado, e mantém a mesma característica.
169. [185] E que Aristóteles²⁶⁷ afirma, quanto às plantas de tipo espinhoso, que, na região da Eritreia, se encontra uma variedade com cores muito variadas, das quais se fazem plectros. O citarista Timon tinha e mostrava a muitos, afirmando que o seu mestre Aristocles lhe tinha oferecido, e que no uso a textura delas é dura.
170. [186] Também se afirma que Teopompo²⁶⁸ registra, quanto aos Tesprotos, que têm a capacidade de extrair carvão da terra e de queimá-lo.
171. [187] E que Fânias²⁶⁹ afirma que, em certos lugares de Lesbos e em torno de Neândria, porções de terra são úteis para o tratamento de sofrimentos oculares. Além disso, quando são introduzidas na água, nem afundam nem se dissolvem. Sob essa categoria, inclui-se também um tipo de tijolo, que em Pitane se assegura que flutua.
172. [188] Menciona que Lico²⁷⁰ relata, a respeito dos animais, que, na ilha de Diomedéia, as garças, quando tocadas pelos Helenos que se aproximam dos lugares, não só toleram ser tocadas, mas também voam para os seus colos e, de forma amistosa, lhes abanam as caudas <...>. Além disso, os habitantes locais dizem que algo assim ocorre porque os companheiros de Diomedes foram transformados na natureza dessas aves.
173. [189] Outrossim, que Teopompo²⁷¹ denota que em torno de Adria, os Vénetos, durante a época de sementeira, enviam presentes às gralhas, que consistem em bolos de cevada moída²⁷² e cevada²⁷³. Depois de os depositarem, aqueles que levam esses presentes afastam-se, e então a maioria das aves permanece reunida nas fronteiras do território, enquanto duas ou três voam até lá, observam e depois voltam, como se fossem embaixadores ou espiões. Se, portanto, o gru<po...>.

²⁶⁴ No original grego, plural majestático.

²⁶⁵ Cf. Arist. *Mir.* 61.

²⁶⁶ *Ex Ctes.* / Theophr. *Lap.* 2.12-16? (Giannini 1965, p. 105). Cf. Diosc. 5.146; Arist. *Mir.* 115. = Callim. F 17 Giannini.

²⁶⁷ Arist. fr. 269 R.3. Cf. Theophr. *HP* 4.12. = C all. F 48 Giannini.

²⁶⁸ Theopomp. fr. 231 Wickers. = Call. F 6 Giannini.

²⁶⁹ Phan. fr. 35 Wehrli. = Call. F 45 Giannini.

²⁷⁰ Lyc. fr. 6 J. Cf. Arist. *Mir.* 79. = Call. F 26 Giannini.

²⁷¹ Theopomp. F 15 Giannini (= 274a J.). Cf. Arist. *Mir.* 119; Lyc. fr. 4 J. = Call. F 27 Giannini.

²⁷² Cf. τὰ ψαιστά.

²⁷³ Cf. μᾶζα.

Bibliografía

- Buxton, Richard (ed.) 1999: *From Myth to Reason? Studies in the Development of Greek Thought*, Oxford.
- Dorandi, Tiziano (ed.) 1999: *Antigonos de Karystos, Histoires Merveilleuses*. Paris.
- Eleftheriou, Dimitra 2016: «MYΘ: The marginal annotation in Antigonos' Collection of extraordinary stories and its meaning», *AUCTOR Journal* 1, pp. 32-40.
- Eleftheriou, Dimitra 2018: *Pseudo-Antigonos de Carystos: Collection d'Histoires Curieuses*, Paris.
- Eleftheriou, Dimitra 2021: «The role of vegetal paradoxa in pseudo-Antigonos of Carystus», *JGRS* 60.1, pp. 109-130.
- Fournet, Jean-Luc 2009: *Alexandrie : une communauté linguistique ? ou la question du grec alexandrin*, Le Caire.
- Gabba, Emilio 1981: «True History and False History in Classical Antiquity», *JRS* 71, pp. 50–62.
- Giannini, Alessandro 1963: «Studi sulla paradossografia greca. I: Da Omero a Calimaco, motivi e forme del meraviglioso», *RIL* 97, pp. 247-266.
- Giannini, Alessandro 1965: *Paradoxographorum Graecorum Reliquiae*, Milano.
- Guthrie, William 1993: *Orpheus and Greek Religion: A Study of the Orphic Movement*, Princeton.
- Hansen, William 2004: «Reading embedded narration», en Bouvrie, Synnøve des (ed.), *Myth and Symbol II: Symbolic Phenomena in Ancient Greek Culture*, Bergen, pp. 111-121.
- Hawes, Greta 2014: *Rationalizing myth in Antiquity*, Oxford.
- Jackson, Steven 1990: «Myrsilus of Methymna and the Dreadful Smell of the Lemnian Women», *ICS* 15.1, pp. 77–83.
- Jackson, Steven 1995: «Apollonius of Rhodes: Author of the 'Lesbou Ktisis'?», *QUCC* 49.1, pp. 57–66.
- Jacob, Christian 1983: «De l'art de compiler a la fabrication du merveilleux. Sur la paradoxographie grecque», *Lalies* 2, pp. 121-140.
- Köpke, Reinholdus 1862: *Antygono Carystio*, Berolini.
- Lightfoot, Jessica 2021: *Wonder and the Marvellous from Homer to the Hellenistic World*, Cambridge.
- Musso, Olimpio 1976: «Sulla struttura del cod. Pal. gr. 398 e deduzioni storico-letterarie», *Prometheus* 2, pp. 1–10.
- Pajón Leyra, Irene 2012: *Entre ciencia y maravilla: el género literario de la paradoxografía griega*, Zaragoza.
- Priestley, Jessica 2014: «The Great and the Marvellous», en *Herodotus and Hellenistic Culture: Literary Studies in the Reception of the Histories*, Oxford, pp. 51–108.

- Schepens, Guido; Delcroix, Kris 1996, «Ancient Paradoxography: Origin, Evolution, Production and Reception», en Pecere, Oronzo; Stramaglia, Antonio (eds.), *La letteratura di consumo nel mondo greco-latino*, Casini, pp. 373-460.
- Schmitz, Thomas 2004: «Alciphron's Letters as a Sophistic Text», en: Borg, Barbara (ed.), *Paideia: The World of the Second Sophistic*. Berlin y New York, pp. 87–104.
- Vergados, Athanassios 2007: «The Homeric Hymn to Hermes 51 and Antigonus of Carystus», *CQ* 57, pp. 737-742.
- Whitmarsh, Tim 2010: «Epitomes of Greek Novels», en Horster, Marietta; Reitz, Christiane (ed.), *Condensing texts – Condensed textes*, Stuttgart, pp. 307-319.
- Wilamowitz-Moellendorff, U. von 1881: *Antigonos von Karystos*, Berlin y Zurich.